





REVISITAR
ANNEMARIE
SCHWARZENBACH

GONÇALO VILAS-BOAS

DERIVA

COLECÇÃO CASSIOPEIA

Através desta colecção, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa pretende divulgar o pensamento dos seus investigadores e também dar a conhecer trabalhos que, dialogando com as linhas de pesquisa em curso, se inscrevem numa mesma constelação. Desenhando entre si nexos, relações, os livros publicados nesta colecção integram-se no campo de reflexão dos Estudos Comparatistas.

Título REVISITAR ANNEMARIE SCHWARZENBACH

Autor GONÇALO VILAS-BOAS

Autora das Ilustrações RITA ROQUE

ISBN 978-989-8701-11-4

Referência 1507005

Formato 21x14,5cm

1.ª edição março 2015

Depósito Legal

Impressão Mota e Ferreira

DERIVA EDITORES

PORTO

TELEFONE E FAX 351 225 365 145

E-MAIL

derivaeditores.blogspot.pt

derivadaspalavras.blogspot.pt

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto «PEst-OE/ELT/UI0500/2013».

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

© Deriva Editores, 2015

Esta publicação é financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto «PEst-OE/ELT/UI0500/2013».

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



À Ana, à Cristina e à Margarida



Nota prévia

Annemarie Schwarzenbach é uma autora suíça pouco conhecida em Portugal, embora já tenham sido publicados três livros de sua autoria (*Novela Lírica, Morte na Pérsia e Annemarie Schwarzenbach em Portugal (1941, 1942)*).

A autora nasceu numa abastada família de Zurique, em 1908. Cedo começou a distanciar-se dos ideais defendidos pela família, próximos do nacional-socialismo alemão. Depois de se doutorar em História, embarca numa vida entre partidas e chegadas. Viajante, fotógrafa, jornalista, escritora, percorre o Próximo e o Médio Oriente, a Europa, os EUA, o Congo, escrevendo sempre e tendo por base as suas experiências. As suas partidas são sempre em busca de algo absoluto, de respostas à grande e universal pergunta: quem sou eu? Nesta busca incessante e obsessiva, vive à margem da sociedade, consumidora de morfina, homossexual, humanista radical que não se consegue rever em ideologias. Os textos refletem as suas dúvidas, preocupações, desorientações. No entanto, durante a sua estada no Congo, no início da década de 40, descobre uma dimensão mais mística, mais interior, não como respostas às suas dúvidas, mas como um novo caminho. Infelizmente não pode desenvolver esta nova dimensão, pois morre em 1942, em consequência de uma queda de bicicleta.

O interesse por esta autora reflecte-se não só no crescente número de reedições e traduções em francês, italiano, espanhol, português, inglês e noutras línguas, mas também na importância

que reveste a investigação académica sobre a sua obra em universidades sobretudo na Europa.

Reúno, neste volume, alguns dos trabalhos que fui publicando em Portugal. Uma colectânea corre sempre o perigo de conter repetições, ideias mestras que marcam a minha leitura.

O primeiro texto serve como uma introdução à obra jornalística e ficcional de Annemarie Schwarzenbach, tendo em conta os contextos da escrita que se encontram projetados nos textos. Seguem-se alguns estudos sobre textos em concreto, como por exemplo uma viagem à *Novela Lírica*, uma das primeiras ficções publicadas pela autora da sua época berlinense, a partir de uma relação obsessiva que impede uma relação dialógica com o outro.

O terceiro texto aborda o espaço heterotópico na obra ficcional da autora, espaços segundos, onde se abre a possibilidade de realizações compensatórias relativamente ao que se passa no espaço de partida, abordando, entre outros, a *Novela Lírica e Morte na Pérsia*, textos já publicados em Portugal.

Os quarto e quinto textos centram-se sobre os textos de Schwarzenbach no Próximo e Médio Oriente e em África, nomeadamente no Congo e em Marrocos. O último texto recai sobre os artigos escritos em Portugal em 1941 e 1942.

Estas reflexões contidas neste livro são convites aos leitores para lerem Annemarie Schwarzenbach, abrindo pistas de leitura e de diálogo com outros autores seus contemporâneos, na Europa dos anos 20 e 30. É de notar que as traduções presentes são de minha autoria, excepto as que existam traduções publicadas, sendo estas devidamente indicadas.

Agradeço à Rita Roque pelas ilustrações que gentilmente elaborou, e à Lurdes Gonçalves pelo apoio e pelo trabalho de revisão.

Porto, Março de 2015

A viagem de mil quilómetros começa com um simples espaço.
Lao Tzé

Not all those who wander are lost.
J.R.R. Tolkien

Wherever you go becomes a part of you somehow.
Anita Desai

All the roads are open.
A.S.



Ler Annemarie Schwarzenbach¹

Annemarie Schwarzenbach (AS no texto) foi fotógrafa, jornalista, viajante, mas a sua actividade central foi a escrita, tendo-nos deixado romances, novelas, contos, poemas e mais de trezentos textos de carácter viagístico elaborados para jornais suíços.

AS nasceu em 1908, filha de um grande industrial zuriquense ultraconservador. A sua personalidade desde cedo se mostrou muito complexa. Doutorou-se em História na Universidade de Zurique em 1930 com uma tese intitulada *Beiträge zur Geschichte des Oberengadins im Mittelalter und zu Beginn der Neuzeit*. Cedo começou a interessar-se quer pela escrita ficcional quer pelo jornalismo e pelos relatos de viagens. Em 1930 conheceu Erika e Klaus Mann, filhos de Thomas Mann, que exercerão uma grande influência na sua vida.² Empreendeu várias viagens pelo Médio-Oriente, pela Europa, pela América e, já no final da vida, pela África.

¹ Este texto baseia-se no artigo “Um olhar pela escrita de Annemarie Schwarzenbach”, publicado no catálogo da exposição dedicada à escritora e publicado por Emília Tavares e Sónia Serrano, *Auto-Retratos do Mundo/ Selfportraits of the World*, Lisboa, Museu Coleção Berardo/Tinta-da-China, 2010: 97-121.

² A amizade com Erika e Klaus Mann encontra a sua melhor expressão no volume de correspondência enviada por AS (*vide* AS 1993). Infelizmente as cartas que a autora recebeu foram queimadas pela família, assim como os seus diários. As cartas citadas, excepto as enviadas aos Mann e a Anignia Godli, encontram-se no Arquivo Literário de Berna.

AS não aceitou a postura política pró-alemã da família, tendo sido a única a revoltar-se contra o clã Wille.³ A vida da autora foi um constante atravessar de fronteiras, em movimentos de fuga e de regresso. Esta divisão da sua personalidade da escritora perseguiu-la-á até ao fim dos seus dias, consubstanciada nos seus constantes regressos e partidas a Bocken, a casa familiar em Horgen, junto ao lago de Zurique.

A ida para Berlim foi um dos primeiros passos da tentativa de emancipação. O contacto com a cena artística berlinense teve consequências irreversíveis, nomeadamente no foro homo-erótico e no consumo de morfina. A sua vida foi uma busca constante, sempre “à procura do essencial, para o qual não existe nenhum nome” [Suche nach dem Wesentlichen, für das es keinen Namen gibt] (*apud* Perret 1995: 135), como ela própria escreveu.

No romance *Das glückliche Tal* diz que recebeu a prenda de uma liberdade terrível, a liberdade que lhe permitia – sendo suíça e sem grandes problemas financeiros – viajar muito sem ser existencialmente tocada pelos difíceis momentos políticos da época. A guerra passou-lhe ao lado, ela viu-a e continuou a sua interminável caminhada, cada vez mais longe da Europa e simultaneamente cada vez mais agarrada a ela, ou melhor, à ideia que tem dela.

AS justificou a necessidade de encetar sempre novas viagens, de estar sempre a partir, como um meio de tentar escapar ao destino, como escreveu a Klaus Mann, em carta de 23.7.1940: “[...] wohl aber ist mir der Verdacht wach, dieses Weggehen sei eine Neigung, dem Schicksal auszuweichen.” [... nasceu em mim a suspeita, estas partidas são uma tendência de esquivar-me ao destino] (AS 1993: 178). O ponto de vista nos textos ficcionais e nos relatos sobre o Médio-Oriente é essencialmente exterior, permitindo, no entanto, encontrar um modo adequado de unir

³ O general Wille, avô materno de AS, esteve muito ligado à Alemanha e representava o lado mais reacionário das forças políticas e helvéticas. *Vide* Niklaus Meienberg, *Die Welt als Wille und Wahn*, Zurique, Limmat, 1987: 109-143.

o interior do observador e o objecto observado. A realidade surge como que fora da dimensão temporal, a autora/viajante não pára, sempre em direcção ao outro, ao não-presente. A realidade é apreendida fugitivamente. Não há tempo para a análise, um dos aspectos que AS associou à actividade de jornalista, contrapondo-a à intuição, que defendeu como marca da literatura ficcional. A qualidade literária de muitos dos seus relatos de viagem é inegável, sobretudo naquelas em que se espelha mais a autora do que o objecto do relato, como teremos a ocasião de verificar.

Em 1933 empreendeu a primeira viagem ao Médio Oriente, relatada em *Winter in Vorderasien*. Em meados de 1934, volta à Pérsia, trabalhando em campos arqueológicos. Volta a essa zona em 1935.

Em 1934, foi a Moscovo com Klaus Mann assistir ao Congresso dos Escritores da URSS. Aqui a reportagem tem uma visão política, ausente da escrita viagística anterior. As reportagens deste período são caracterizadas por uma posição crítica, um olhar complexo (via, por exemplo, os nazis como carrascos e vítimas simultaneamente), que se sobrepõe a uma eventual admiração ou repúdio pelo objecto da reportagem. Em 1936 e 37 viajou pelos Estados Unidos com a fotógrafa Barbara Hamilton-Wright, dando origem a reportagens extremamente críticas sobre alguns aspectos da realidade norte-americana, nomeadamente quanto ao sindicalismo, à pobreza, à exploração capitalista e ao racismo nos estados do sul do país. Em 1938 e 39 esteve de novo na Europa, viajou pela Alemanha nazi, pelos estados bálticos, pela Áustria e Checoslováquia. Escreveu uma série de reportagens, distanciando-se claramente do nacional-socialismo e do fascismo, ao mesmo tempo que apoiou as actividades de Klaus Mann.

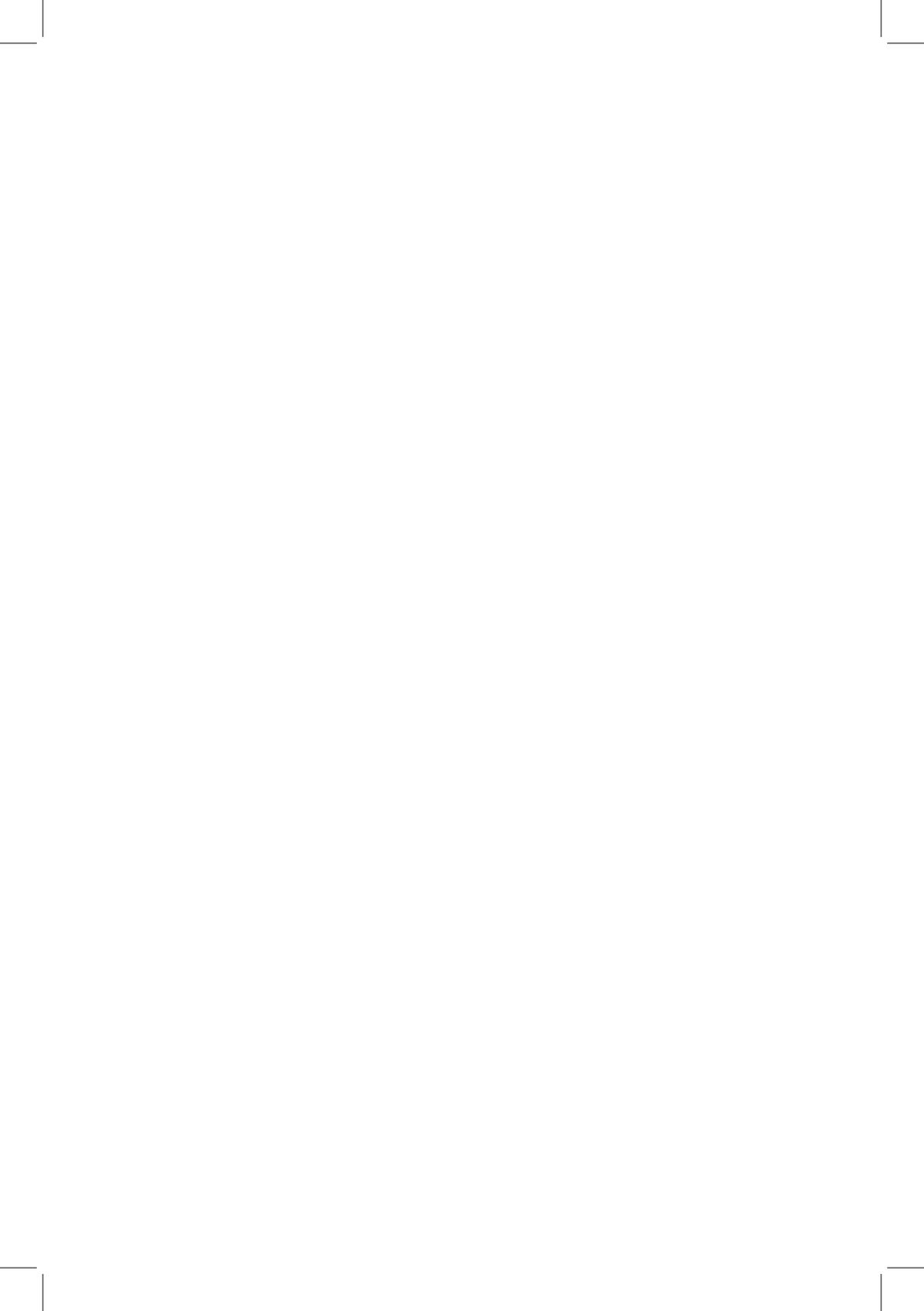
Entre as viagens fez frequentes curas de desintoxicação. A dependência da morfina (o “átum”, como ela lhe chamava frequentemente) afectou-a profundamente; ia-se sentindo cada vez mais insegura e portanto mais dependente. Em 1939 partiu com Ella

Maillart⁴ para o Afeganistão. A guerra apanha-as em Cabul. AS sempre quis combater o fascismo hitleriano, mas nunca teve grande capacidade de tomar decisões, dependendo sempre muito de outros; por isso não sabia bem como se envolver nessa luta. Em 1940 partiu para os EUA, onde esperava o apoio dos Mann. O seu espírito combativo estava mais esmorecido, condicionado por factos da vida pessoal, nomeadamente o azedar das relações com os Mann e o escândalo suscitado pela relação com Margot von Opel, que a levarão a um internamento psiquiátrico e consequente expulsão dos EUA. No regresso à Europa, em 1941, passou por Portugal, partindo pouco depois para África, na esperança de trabalhar para o governo de De Gaulle (AS casara-se com o diplomata francês Henri de Clarac, possuindo portanto um passaporte diplomático francês). Mais uma vez o sucesso não lhe bateu à porta, pois suspeitaram que ela pudesse ser uma espia. Regressou à Europa no início de 1942, passando de novo por Portugal, a caminho da Suíça e da sua casa de Sils. Morreu aí em consequência de uma queda de bicicleta.

Annemarie Schwarzenbach tinha uma relação obsessiva com a escrita. Esta obsessão está bem patente em diversos testemunhos, como se pode verificar na carta a Klaus Mann, de 19 de Maio de 1935, em que escreve: “[...] não procuro quaisquer ‘ocupações’, porque só me importa o trabalho de escrita e apenas a ele me dedico com empenho, mesmo que de forma indirecta” (Schwarzenbach 1993: 131)⁵. Já em 1925 escrevera ao pastor Ernst Merz, manifestando aquilo que era o seu entendimento sobre a escrita:

⁴ Ella Maillart (1903-1997) realizou várias viagens na Ásia. O relato da viagem que fez com AS ao Afeganistão foi publicado em 1947 com o título *The Cruel Way*. Em 2000 surge a tradução portuguesa – *A Via Cruel*, Porto, Civilização. AS surge referida no texto de Maillart com o nome de Christina. Este texto e as reportagens de AS serviram de base a um filme de Fosco e Donatello Dubini *Die Reise nach Kafiristan*.

⁵ As traduções são de minha autoria, excepto as de *Morte na Pérsia* e “A estepe”. As obras da autora serão referidas no texto como: *Das glückliche Tal* [O Vale Feliz]: GT; *Morte na Pérsia*: MP; *Winter in Vorderasien* [Inverno no Próximo Oriente]: WVA; *Alle Wege sind offen* [Todos os caminhos estão abertos]: AWSO.





Um Olhar pela Palavra. Os Relatos de Viagens pelo Médio Oriente⁴¹

Annemarie Schwarzenbach (AS no texto) esteve quatro vezes no Médio Oriente, sendo a primeira em 1933.⁴² É esta viagem que está na base do diário viagístico *Winter in Vorderasien* [Inverno no Próximo Oriente]. A segunda viagem teve lugar em 1934, tendo a autora trabalhado como assistente num campo arqueológico. A terceira visita foi em 1935, ano em que se casou com o diplomata francês Claude Clarac e em que passou parte do verão num acampamento da Embaixada britânica perto de Teerão, no vale de Laar (baseou-se nesta estada para o seu romance *Das glückliche Tal*); e finalmente em 1939/1940 com a aventureira e viajante genebrina Ella Maillart.⁴³

AS não foi pioneira neste tipo de viagens. A partir do século XIX muitas mulheres partiram para esta zona do globo, acompanhando os seus maridos, que exerciam funções profissionais na região, ou então como missionárias, aventureiras, viajantes em fuga ou em sinal de emancipação. No campo da literatura de expressão alemã pensemos na austríaca Ida Pfeiffer (1797-1858), nas alemãs

⁴¹ Este texto foi inicialmente publicado em *Representações do mundo na literatura suíça do século XX*, coord. Gonçalo Vilas-Boas, Coimbra, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Cadernos do cieq, n.º 9, 2003: 19-34.

⁴² Pode seguir-se esta viagem através das cartas que a autora escreveu a Klaus Mann (Schwarzenbach 1993: 104-112).

⁴³ Ella Maillart escreveu o relato desta viagem e a sua relação com AS no livro *The Cruel Way*, traduzido para Português com o título *A Via Cruel*, 2000, Porto, Civilização.

Ida Gräfin Hahn-Hahn (1805-1888), Annemarie von Nathusius (1875-1926), Clärenore Stinnes (1901-1990), Margret Boveri (1900-1975).

AS conhecia o relato da inglesa Gertrude Bell (1868-1925) *Persian Pictures*, publicado em 1928, mas relatando uma viagem feita em 1892. Antes da última viagem ela e Maillart leram o livro de Richard Byron (1905-1941, *The Road to Oxiana*, 1937). É característico dos viajantes em geral o lerem algo sobre as zonas por onde vão viajar, como preparação:

Uma leitura de preparação sonda teoricamente como, na prática, o papel do “próprio” em terra outra será confirmado. Desse modo o ler antes da viagem tem vestígios de uma vacina, de uma imunização, que incorpora de modo controlado essa terra outra, para depois, no confronto real, se terem as resistências necessárias face a ela.

[Vorbereitende Lektüre lotet theoretisch aus, wie sich praktisch das Eigene im Fremden bewähren wird. Insofern trägt das Lesen vor dem Reisen Spuren der Impfung, einer Immunisierung, die kontrolliert das Fremde einverleibt, um dann in der Begegnung resistent gegen sie zu sein.] (Erb: 12)

Quando se começa uma viagem parte-se já com imagens estandardizadas, estereótipos culturais, etc. Edward Said falava de ‘Orientalismo’, defendendo a ideia de que o viajante ocidental levava consigo um modo de ver colonial e imperial, que se manifestou em muitos textos. Said fala de “orientalizing the Oriental” (Said 1995: 49): o oriental colonizado deve corresponder à imagem que o colonizador constrói dele. Também é característico a apresentação do oriental em grupo e não como um indivíduo. Além disso é um ser inferior, tradicionalista, estagnado no tempo. Ainda que as teorias de Said estejam a ser postas em causa em alguns aspectos, não deixa de ser verdade que nos textos das autoras citadas vamos encontrar imagens semelhantes sobre o Oriente, marcadas por uma perspectiva ocidental de superioridade, que vê

naquele Outro seres (e regiões) exóticos e diferentes, mas social e tecnicamente muito atrasados. Pensemos já no modo de viajar de muitas delas (e deles), sobretudo a partir dos anos 20: deslocam-se de automóvel, sinal de superioridade técnica, são recebidas pelas autoridades das aldeias por onde passam. Claro que também elas são vistas pelo Outro, só que essa voz raramente transparece nos textos, é quase que um Outro com corpo, mas sem voz. A partir da segunda metade do século XX, a questão vai-se gradualmente modificando, à medida que a relação colonial da Europa com essas regiões se transforma.

Porquê viajar para o Próximo Oriente? Sabemos que essa zona é o berço da nossa civilização ocidental, pelo que, apesar das enormes diferenças culturais e sociais (para só falar destas), há algo de comum, que se manifesta sobretudo na memória histórica, o que justifica a presença de marcas históricas em quase todos os textos das autoras citadas. Também o imaginário ocidental que os viajantes levam ajuda a “construir” as terras visitadas. A escolha desta região tinha também a ver com a relativa facilidade de acesso. Karolina Fell diz a respeito dela:

O processo de transformação das sociedades do Médio Oriente entre a tradição e a modernidade torna-se visível nas apresentações de pontos de atrito e contradições, criados pelo encontro de elementos da tradição e da modernidade.

[Der Transformationsprozeß der vorderasiatischen Gesellschaften zwischen Tradition und Moderne wird in der Darstellung von Reibungsflächen und Widersprüchen sichtbar, die das Zusammentreffen von Elementen der Tradition und der Moderne erzeugt.] (Fell 1998: 73)

Isto porque as viajantes (é só delas que aqui falo) vêem as paisagens e as populações com os olhos europeus (Saïd utiliza o termo de “Viajantes orientalistas”), com as normas sociais e morais, convenções e objectivos políticos dos respectivos países. Era, de facto,

difícil despirem-se das perspectivas que estão enraizadas nos seus modos de ver, perfeitamente contextualizadas nas suas terras de origem, o que dificulta a apreensão do Outro como este se vê a si próprio (cf. Deeg 1992: 170).

As viajantes querem escrever as suas experiências de viagens, viagens essas que têm diferentes motivações. Ueckmann defende que “a função dos relatos de viagem é a tentativa de situar e diferenciar aquilo que se experimentou entre o Aqui e o Ali” [Die Aufgabe von Reiseberichten ist es, das Wahrgenommene zwischen dem Hier und dem Anderswo jeweils zu verorten und zu differenzieren] Ueckmann 2001: 51).

Em AS pode-se ver como motivo das viagens não só o desejo de emancipação, de fuga da mãe, da família, da Suíça conservadora e, simultaneamente a procura de si mesma, e ainda a reacção à “Defesa espiritual do País” [Geistige Landesverteidigung], um movimento cultural na Suíça dos anos 30, que tinha como finalidade defender o país da propaganda nazi, que circulava facilmente na Suíça alemã. Criara-se um clima cultural muito conservador, voltado para os velhos valores helvéticos, muitas vezes já perdidos na história e os textos ficcionais de AS não se coadunavam com esta prática, pelo que não tiveram grande sucesso no seu país e muito menos na Alemanha. Os relatos de viagem, pelo contrário, não tiveram dificuldades em encontrar jornais que os publicassem, pois salientava-se o lado informativo, ainda que a perspectiva dominante fosse por vezes subjectiva e “impressionista”. Nas quatro viagens que empreendeu, AS não conseguiu arranjar raízes suficientemente fortes que a prendessem ao Outro. Isto é, se o seu ponto de partida era visto como deficiente, ela não conseguiu encontrar no Outro o equilíbrio, que contrabalançasse as vivências negativas que sentia na/o sua/seu casa/país.

Antes de analisar os textos, queria chamar a atenção para um ponto importante: tal como refere Opitz, é preciso distinguir autor de relator (‘Reiseschreiber’, Opitz 1997: 10), mesmo que se veja no Eu do relato um *alter ego* do autor. O relator é um

produto da linguagem, uma construção do autor. No texto o autor não pode projectar as suas vivências, tem que as traduzir para linguagem, o que implica selecção do material, reflexão distanciada, mas também a necessidade (nem sempre consciente) de seguir as normas previstas para esse tipo de textos (que conhece sobretudo a partir das leituras que fez anteriormente), e acatar as directivas dos jornais, caso os textos tenham sido escritos com a finalidade de aí serem publicados.

Daí a importância das relações intertextuais na literatura viagística, e também dos contextos das viagens e da sua posterior transformação em palavras. A este respeito diz Opitz: “Não é uma viagem individual, única que passa a escrita, mas formas textuais que são enviadas para uma viagem apresentada como autêntica.” [Nicht eine individuelle, einmalige Reise wird verschriftlicht, sondern sprachliche Formen werden auf eine als authentisch ausgewiesene Reise geschickt.] (Opitz 1997: 221).

Em primeiro lugar, para uma conveniente contextualização, é necessário perguntarmo-nos pelas razões de escrita de AS. Heinz-Gresser fala da tentativa de emancipação face à mãe, de uma forma de escape ao controlo maternal (*vide* Heintz-Gresser 2000: 256). É contudo também o único meio que AS encontra para se relacionar com a realidade, para a tentar controlar. As viagens (as realizadas e as escritas) são só importantes na medida em que lhe possibilitam conquistar o mundo através da escrita. Mas a linguagem também tem de ser conquistada. AS tem que lutar com o mundo e com a linguagem para tentar ganhar o seu espaço.

Neste trabalho terei em conta dois livros: *Winter in Vorderasien* (WiV), de 1935, e *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/1940* [Todos os caminhos estão abertos. A viagem ao Afeganistão 1939/1940], [AWSO], editado em 2000 com base em textos publicados em jornais ou em manuscritos inéditos. Não terei em conta o romance *Das glückliche Tal*, de 1939 (nem a pré-versão *Tod in Persien*, publicada em 1995, apesar de a autora nunca a ter

querido publicar), nem a antologia de contos *Bei diesem Regen* [Nesta chuva], editada em 1989 por Roger Perret, sabendo embora que as experiências aqui apresentadas foram ficcionalizações das viagens relatadas em WiV.

WiV é um diário de viagem. Os diversos textos são datados, desde 15 de Outubro de 1933 até 25 de Março de 1934, excepto o último (“Persepolis”), onde é relatada a viagem de regresso à Europa. Trata-se de uma viagem marcada pela curiosidade em conhecer o Outro. As pessoas que encontra são essencialmente ocidentais (muitas delas arqueólogos) ou gente pertencente aos grupos sociais superiores das zonas visitadas que falam francês ou inglês, o que, tal como as leituras, influenciará a sua própria visão daquelas regiões. AS não tem propósitos etnográficos ou científicos. Ela viaja para si própria, quer conhecer outras realidades, longe da Europa que está a cair num caos. Quer procurar uma outra ordem, mas não a consegue encontrar, pois ela própria não a tem e, por isso, também não a pode dar à relatora. Como diz Georgiadou na sua biografia de AS “as montanhas persas tornam-se o palco bombástico para a sua dor do mundo, a sua falta de pátria e o seu desenraizamento” [Die persischen Berge werden die bombastische Kulisse für ihren Weltschmerz, ihre Heimatlosigkeit und Entwurzelung sein.] (Georgiadou: 125).

O facto de AS não falar árabe, dificulta o encontro com o Outro. Desenvolve-se todavia nela um fascínio por nomes árabes. Para o leitor “a introdução de palavras e expressões estrangeiras no texto [...] aumenta a impressão de estranheza e de alteridade no leitor”. [... die Einarbeitung von Fremdwörter in den Text [...] verstärk[t] im Leser den Eindruck der Fremdheit und des Anderen [...]] (Cronin 1995: 27ss). Alteridade que se manifesta ainda nas descrições das paisagens, mas sobretudo na relação do relator com o relatado. A alteridade faz parte da nossa própria consciência, como diz Murath: “Desse modo o viajante “lê” paisagens estrangeiras e costumes desconhecidos, recorrendo

a intertextos seus e aplicando-os em novas combinações.” [So ‘liest’ der Reisende fremde Landschaften und unbekannte Bräuche, indem er auf eigene Intertexte zurückgreift und diese neu kombinierend appliziert [...]] (Murath 1995: 5). Isto quer dizer que o descrito é simultaneamente auto- e heteroreferencial. Autoreferencial porque o EU integra no texto o seu próprio sistema, os seus contextos; heteroreferencial porque aponta para realidades existentes fora de si.

Interessa-me sobretudo olhar para a questão da escrita e da “magia da linguagem” nos textos não ficcionais da autora. AS tem “uma grande sensibilidade para os tons intermédios suaves e para os delicados matizes” [... viel Sensibilität für die leisen Zwischen-töne und feinen Nuancen] (Willems 2002: 20). Os 25 textos de WiV são o testemunho de uma observadora perspicaz, ainda que as suas críticas sociais sejam também ‘suaves,’ bastando-lhe mostrar discretamente uma situação, sem comentários, para que a carga crítica possa ser desenvolvida pelo leitor.

AS está a entrar num território que na realidade desconhece, ainda que o conheça por outros textos, neste caso, por exemplo, o relato de viagem de Gertrud Bell, que cita no seu livro. Capta esse novo espaço pela linguagem e pela fotografia. O leitor terá dificuldades em conhecer a viajante textual: ela esconde-se atrás da descrição objectiva (dissimulando a escolha subjectiva da perspectiva), ou do pronome pessoal “nós”. Contudo, o seu olhar trai-a: a melancolia, o entusiasmo por uma paisagem ou a tristeza pela pobreza que encontra transparecem naquele discurso que vai perdendo a impessoalidade. Ela vê, cheira, ouve a paisagem. A miséria incomoda os seus olhos europeus e receia que o progresso em curso, nomeadamente a construção de estradas e do caminho-de-ferro, possa destruir a genuinidade daquelas civilizações. AS não consegue resolver para si esse dilema (como não resolverá muitos outros ao longo da sua vida).

AS partilha com outras viajantes os campos semânticos de “silêncio”, “solidão”, “tempo”, “deserto”, “montanhas”, “infinidade”,

“tristeza”, “vazio”, sempre vistos de uma perspectiva europeia. Nela torna-se claro que exprime a vivência interior destas paisagens, tão diferentes dos Alpes suíços das suas origens. Projecta na paisagem a solidão que vive. Esta imensa solidão é o resultado da imensa liberdade que recebeu e, que no fundo, acaba por lhe ser um obstáculo (AS fala desta questão no romance “persa” *Das glückliche Tal*). Para esta solidão contribui também a sua relação com o tempo: parece-lhe, por um lado, que o tempo parou nestas regiões. Mas, por outro lado, parece não querer ter tempo: “Infelizmente não tínhamos tempo” [“Leider hatten wir keine Zeit”] (WiV: 122, 158). Desse modo não consegue apreender o Outro.

Os textos em que ela “pára”, para contemplar e reflectir são de uma maior qualidade literária do aqueles em que relata simplesmente a viagem (e nos quais se aproxima de textos de outras viajantes, com menos preocupações literárias). Face àquela realidade distante, apesar de momentaneamente tão perto, a autora diz: “Mas não se consegue fotografar dimensões e a experiência da beleza e da perfeição só se consegue exprimir de modo incompleto” [Aber man kann Dimensionen nicht fotografieren und Erlebnisse der Schönheit und der Vollkommenheit nur unvollkommen vermitteln.] (WiV: 55). À dificuldade de se expressar verdadeiramente acrescenta-se o sentimento de ser levada pelo destino e não pela sua vontade, o que fragiliza o seu já precário sentido de segurança: “sobre nada decidimos menos do que sobre as nossas vivências” [“über nichts bestimmen wir weniger als über unsere Erlebnisse”] (WiV: 87). Pode-se planear os percursos, mas não as vivências.

O facto de não saber árabe ou persa contribui para o seu isolamento involuntário:

Os barqueiros saíam das suas cabanas entrançadas e conversam connosco ou melhor com os meus acompanhantes, pois os meus conhecimentos de árabe são na prática inúteis.

[Die Schiffer kamen aus ihren geflochtenen Hütten und unterhielten sich mit uns oder vielmehr mit meinen Begleitern,

denn meine Arabischkenntnisse sind in der Praxis so gut wie unbrauchbar.] (WiV: 107)

AS utiliza tradutores para perceber alguma coisa e fazer-se percebida. Só que as informações que ela recebe são já filtradas, “traduzidas” dentro de contextos de subordinação “colonial”, no caso da população local, ou claramente “colonial”, quando prestada pelos ocidentais com que se cruza.

Alguns nomes topográficos exercem nela uma espécie de fascínio pela sua musicalidade e pela sua magia inexplicável. O lado geográfico junta-se ao histórico e ganha para AS um simbolismo novo:

Mas quem sabe ao certo, para onde é que as estradas vão e quem conhece os nomes das cidades, das antiquíssimas, das submersas e ressuscitadas?

O caminho prolongar-se-á, a estrada ondeará infinitamente sobre as colinas, no horizonte o brilho avermelhado da cidade sem nome.

[Aber wer weiss wirklich, wohin die Strassen führen, und wer kennt die Namen der Städte, der uralten, versunkenen und wiedererstandenen?

Der Weg wird sich ausdehnen, die Strasse sich endlos über Hügel wellen, immer am Horizont der rötliche Glanz der namenlose Stadt.] (WiV: 20ss)

Os nomes são conhecidos, estão nos mapas ou em estudos arqueológicos. Mas conhece-se verdadeiramente o que se esconde por detrás dos nomes? É aí que reside a sua magia, algo que se pode pressentir, sentir, mas não descrever objectivamente. A relatora escreve, por exemplo, sobre Baalbek: “mas Baalbek pertence àqueles nomes, que não se podem pronunciar de modo leviano [...]” [“aber Baalbek gehört zu jenen heroischen Namen, die man nicht leichtfertig ausspricht [...]”] (WiV: 54). Ou sobre Persepolis: “O que o nome real continha, ganhava aqui corpo e condensava-se, como que num acto criador, numa forma definitiva e falante.” [“Was der

königliche Name enthielt, nahm hier Gestalt na und verdichtete sich, wie durch einen Schöpfungsakt, in endgültige und sprechende Form gebracht.”] (WiV: 164).

Os nomes pertencem à linguagem, mas também à escrita, ao acto criador, isto é, através da linguagem ganham uma realidade única, que a viajante textual apresenta aos seus leitores, viajantes na palavra. Assim estes terão não só que re-construir o espaço que leram, mas sobretudo construir um outro a partir dos seus contextos.

Por vezes os nomes são explicados nos textos, como ‘Tschehel Sotun’, que significa 40 colunas, apesar de, na realidade, não serem mais de 20. Deste modo, o leitor terá de compreender com a sua fantasia a distância entre o nome e a realidade.

Não se pode apreender tudo o que está por detrás dos nomes, especialmente a magia que podem exercer. A linguagem por vezes falha a sua função comunicativa:

Quem não conhece a dúvida face à realidade, que nos atinge, a nós que confiamos na palavra, quando alguém ou um lugar, que o nosso amor cheio de fantasia envolveu e chamou pela palavra, toma forma real?

[Wer kennt nicht jenen Zweifel na der Realität, der uns, dem Wort Vertrauende, ergreift, wenn ein Mensch oder ein Ort, den unsere Liebe seit langem phantasievoll umkleidete und beim Namen nannte, Gestalt annehmen soll?] (WiV: 81)

Também o medo, não só a dúvida, se apodera dela, quando entregue às dimensões infundáveis desta região, sem qualquer protecção.

A atitude revelada nos textos de AS de 1939, quando viajou pela última vez pela região é diferente. Os artigos que nos chegam em forma de livro em *Alle Wege sind offen* foram inicialmente escritos para jornais. Enquanto o primeiro livro foi publicado como tal pela autora, este só apareceu em 2000, numa edição de Roger Perret. São 20 textos, dos quais 14 publicados em jornais em 1939 e 1940.

As condições da viagem foram diferentes das descritas em WiV: ela conhece parte da região (o efeito de re-conhecimento é um aspecto a que AS dá grande importância); viaja com Ella Maillart, uma viajante forte e experiente, que gosta de se relacionar com as populações autóctones, com interesses etnológicos, como nota Georgiadou (1996: 192); AS está fragilizada, acaba de sair de uma cura de desintoxicação. Por outro lado, as condições da viagem são melhores: ela tem um carro novo, um Ford com 17 cavalos, na altura um carro de sonhos (infelizmente demasiado baixo para os caminhos do deserto e das regiões montanhosas, o que lhes trará alguns dissabores, ainda que sempre resolvidos, com a ajuda das populações). Para AS, esta viagem representava “uma fuga da Europa, da Alemanha hitleriana. Uma fuga ‘para a frente’, evitando qualquer olhar para trás.” [... eine Flucht vor Europa, eine Flucht vor dem Hitler-Deutschland. Es war eine ‘Flucht nach vorn’, unter Vermeidung, den Blick zurückzuwerfen.] (Ueckmann 1998: 128).⁴⁴

É curioso verificar que grande parte dos textos de AWSO são escritos na primeira pessoa, Ella só é referida poucas vezes, aparecendo então a primeira pessoa do plural. Percebe-se isso se virmos os artigos como reflexões pessoais, ainda que enquadradas numa viagem. São textos mais subjectivos do que relatos. É o movimento da paisagem para o interior da viajante, mais do que o movimento desta em direcção à paisagem.

A sua sensibilidade à linguagem é aqui maior, os textos são mais poéticos, mais ‘musicais’, o seu eurocentrismo está mais difuso, precisamente pela maior subjectividade expressa nestes artigos. A autora confessa que não consegue distinguir claramente a realidade das lembranças de sonhos (cf. AWSO: 31) e ela própria reflecte(-se) na linguagem:

⁴⁴ Poder-se-ia completar esta afirmação de Ueckmann com outras: para Willems “Viajar representava para AS ao mesmo tempo fuga e procura” (Willems 2002: 27) ou “A descoberta do outro como meio para se experimentar a ela própria” (Vilas-Boas 1995: 355).

“A nossa vida parece-se com uma viagem ...”, e assim a viagem parece-me menos uma aventura e uma excursão em regiões inusuais e mais uma imagem concentrada da nossa existência [...]

[“Unser Leben gleicht der Reise...”, und so scheint mir die Reise weniger ein Abenteuer und Ausflug in ungewöhnliche Bereiche zu sein als vielmehr ein konzentriertes Abbild unserer Existenz [...]] (*ibidem*)

Viajar é também uma luta contra o esquecer-se de que a vida é uma viagem, um percurso:

Nós esquecemos, para não termos que reacear. [...]. Durante a viagem a face da realidade muda com as montanhas, os rios, com o tipo de construção das casas, a disposição dos jardins, com a linguagem, a cor da pele. E a realidade de ontem ainda queima na dor da despedida, a de anteontem é um episódio fechado, que não voltará a acontecer, o que aconteceu há um mês é um sonho e uma vida passada.

[Wir vergessen es, um uns nicht fürchten zu müssen. Und die Furcht. [...] Auf der Reise wechselt das Antlitz der Wirklichkeit mit den bergen, Flüssen, mit der Bauweise der Häuser, der Anlage der Gärten, mit der Sprache, der Hauptfarbe. Und die Wirklichkeit von gestern brennt noch im Abschiedsschmerz, die von vorgestern ist eine abgeschlossene, nie wiederkehrende Episode, was vor einem Monat war, ist Traum und Vorleben.] (AWSO: 32-33)

A despedida dos homens e das paisagens cruza-se em muitos destes artigos, porque uma viagem, como um acumular de episódios, pode ser vista como uma sucessão de despedidas.

A melancolia do olhar junta-se à experiência de um tempo que parece não avançar, onde ele (medido no progresso) parece estar estático, onde nada parece mudar. A este olhar surge um outro, com apreensão: o avanço tecnológico ocidental parece ter um grande potencial destruidor. Qual dos tempos ganhará? E qual deverá ganhar? Em AS não temos resposta, se compararmos, por

exemplo, com os textos de outras viajantes alemãs, como Anne-marie von Nathusius ou Clärenore Stinnes. AS não se consegue decidir, ela que viu na Europa o cataclismo da civilização ocidental e da sua tecnologia. Ela aprecia a extrema cordialidade dos afe-gãos apesar das enormes adversidades no deserto: aqui não há só tempestades de areia, há também oásis. É uma visão pessimista, melancólica da vida, mas que não se esgota na negatividade. Ela sente-se só e é através desse prisma que vê os outros, além, como já ficou dito, através do olhar intertextual. É também assim que vê o tchador da mulher oriental, de modo semelhante a muitas viajantes ocidentais:

Se o Oriente representa também a ideia da vida original, como já não há na Europa, a oriental com o seu véu representa [...] a imagem típica da mulher-vítima, que vive em “permanente disfarce amedrontado.

[Verkörkert der Orient auch ihre Vorstellung vom ursprünglichen Leben, das in Europa so nicht mehr zu haben ist, so repräsentiert die verschleierte Orientalin [...] die typische Opfer-Frau die “in ständiger ängstlicher Vermummung” lebt.] (Ueckmann 1998: 132 e seg.)

Voltemos à ‘magia’, àquela dimensão a que AS tantas vezes recorre:

A viagem levanta um pouco o véu sobre o mistério do espaço – e uma cidade com um nome mágico-irreal, Samarcanda a dourada, Astracão ou Isfahan, a cidade do óleo de rosas, torna-se real no momento em que nelas penetramos e tocamos com a nossa respiração.

[Die Reise aber lüftet ein wenig den Schleier über dem Geheimnis des Raums – und eine Stadt magisch-unwirklichen Namens, Samarkand die Goldene, Astrachan oder Isfahan, Stadt des Rosenöls, wird wirklich im Augenblick, da wir sie betreten und mit unserem lebendigen Atem berühren.] (AWSO: 32)

A magia aparece marcada pelas cores, normalmente modificadas por compostos (como “amarelo- enxofre”, “castanho- ferrugem”), mas também pela musicalidade da linguagem, sobretudo pelo ritmo e por aspectos fonológicos (como repetições fônicas, construções sindéticas e assindéticas). Aqui os nomes também têm um papel importante, como constitutivos desse aspecto mágico: “Ó magia dos nomes”, escreve a viajante em “Niemandsländ – zwischen Persien und Afghanistan” [A terra de ninguém – entre a Pérsia e o Afeganistão]. No artigo “Dreimal der Hindukusch” [Três vezes o Hindukush] diz que, a primeira vez que viu aquelas montanhas, queria escrever um hino:

um hino ao seu nome, pois nomes são mais do que marcas geográficas, são sons e cores, sonho e memória, são mistério, magia – e isto não tem nada de desencanto, mas um processo maravilhoso, quando, um dia, uma pessoa os volta a encontrar, carregados com luz e sombras, fogo e cinzas frias da realidade. [eine Hymne auf seinen Namen, denn Namen sind mehr als geographische Bezeichnungen, sind Klang und Farbe, Traum und Erinnerung, sind Geheimnis, Magie – und es ist nicht etwa ernüchternd, sondern ein wunderbarer Vorgang, wenn man sie eines Tages wiederfindet, beschwert mit Glanz und Schatten, feuer und kalter Asche der Wirklichkeit.] (AWSO: 54)

Ela não está a viajar “para aprender a ter medo, mas para verificar o conteúdo dos nomes e experimentar no corpo a sua magia” [... nicht um den Gehalt der Namen zu prüfen und ihre Magie am eigenen Körper zu prüfen.] (AWSO: 55). Não admira, por isso, a frequência com que AS recorre à palavra “nome” – quase como um programa de viagem. Nomes que se esquecem, porque só são nomes num mapa, e nomes que não se podem esquecer, porque estão cheios de magia: “Resta-me a magia, o nome, o coração maravilhosamente tocado”. [Mir bleibt die Magie, der Name, das wunderbar berührte Herz.] (AWSO: 61).

Vistos os textos deste modo, torna-se compreensível que alguns destes relatos parem na fronteira “entre a realidade e a visão” [zwischen Wirklichkeit und Vision] (*ibidem*). Ao chegar a essas terras, ela sente-se

como um estranho, que por acaso aparece no caminho e entra pelas suas vielas, pelos seus jardins, pelos seus pátios, tolerado somente como observador na soleira das suas existências, reguladas por pacíficas leis.

[Da erinnere ich mich, dass ich in Istalif nur ein Fremder bin, zufällig des Weges gekommen und in ihre Gassen, ihre Gärten, ihre Höfe geraten, nur als Zuschauer geduldet na der Schwelle ihres nach friedlichen Gesetzten geregelten Daseins.] (AWSO: 94)

AS sente-se solitária, sente que não tem forças perante a grandiosidade do deserto e das montanhas, quer regressar a casa. Perseguida por complexos de culpa, como tantas vezes na sua vida, acha que neste período de tantas dificuldades para a humanidade “não tem direito a uma felicidade pessoal” [[kein] Anrecht auf ein persönliches Glück] (Perret 2000: 150). Vacila entre a resignação e o entusiasmo, nesta viagem com um forte tom de despedida:

Dizia-me a mim própria, que nunca mais voltaria à Ásia, o Afeganistão deveria continuar a ser um nome, o Hindukush e o Turquestão uma visão envolvida em sons e fumo.

[Ich sagte zu mir, dass ich nie wieder nach Asien zurückkehren würde, mochten Afghanistan ein Name, Hindukusch und Turkestan in Schall und Rauch gehüllte Visionen bleiben, Paradiese die glücklichen, unbetretenen Täler.] (AW: 116ss)

Nesta afirmação, escrita num tom de resignação, esconde-se a sua dificuldade de escrita: “num mais pegarei numa caneta, nunca mais escreverei uma folha de papel”. O texto em que estas duas citações se inserem, “Cihil Sutun”, é um texto de despedida: da Ásia, do seu amor por Ria Hackin, a mulher do arqueólogo francês que a

acolheu para a tratar da doença, após a partida de Maillart para a Índia, mas também uma despedida das esperanças que acalentou antes da partida de Genebra de conseguir ultrapassar a dependência da droga:

Não aprendi muitas coisas novas, mas vi tudo, senti tudo no meu corpo – e mesmo nos confins do mais longínquo deserto de Lata só senti a dor inflexível da despedida.

[Ich habe nicht viel Neues gelernt, aber alles gesehen, alles am eigenen Leib erfahren – und noch in der äussersten Einöde des Lataband nur den starren Schmerz des Abschieds gespürt.]

(AWSO: 117)

Pouco depois vai para a Índia, encontra-se uma derradeira vez com Ella, toma o barco rumo à sua Europa. O texto de despedida é marcado pela tristeza, pela solidão, porém o leitor já não encontra a viajante com a força interior de textos anteriores, mas apenas alguém que se limita quase somente a observar os europeus que encontra na viagem de regresso.

A viagem foi uma derrota. A viagem seguinte, aos EUA, também representou uma derrota, tendo mesmo sido expulsa do país, após tratamento pouco condigno. A sua partida para África marcou uma viragem, aí aprendeu a estar só consigo mesma, a aceitar-se, a não querer estar sempre em fuga. O regresso à Europa fá-la passar por Lisboa, onde quer ficar como correspondente de jornais helvéticos. A morte na Suíça impede a concretização desse seu desejo. Nota-se, assim, como AS é uma pessoa sem raízes, sem espaço, o que contribui muito para a sua insegurança.

Os textos reunidos em AWSO são de muito interesse, sobretudo porque, como nota Perret, “a linguagem torna-se viagem” [... die Sprache selbst zur Reise wird.] (2000: 159). O interesse reside na partilha feita pelo leitor das experiências de uma figura controversa, muito sensível e com uma linguagem muitas vezes poética, sobretudo no segundo livro. O leitor não se confronta

com um espaço, mas com uma visão subjectiva desse espaço, num diálogo da viajante com o mundo exterior, muitas vezes hostil, porque ela assim o vê. AS viaja pelas paisagens, não tanto pelas pessoas. Desse modo, os seus textos, sobretudo os de 1939/1940 são menos “orientalistas” do que muitos outros textos de viajantes daquele tempo, abrindo-se assim a olhares outros.

Bibliografia

Cronin, Michael (1995), "Andere Stimmen; Reiseliteratur und das Problem der Sprachbarrieren", in Anne Fuchs/Theo Harden (Hrsg.), *Modell der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C.Winter, S.: 9- 34.

Deeg, Stefan (1992), "Das Eigene und das Andere. Strategien der Fremddarstellung in Reiseberichten", in Paul Michel (Hrsg.), *Symbolik von Weg und Reise*, Bern et alii, Peter Lang, S.: 163-191.

Erb, Andreas (2002), "LeseReisen. Lesend reisen – reisend lesen. Eine kleine Einführung", in *Der Deutschunterricht*, 4/2002, S.: 4-17.

Fell, Karolina (1998), *Kalkuliertes Abenteuer. Reiseberichte deutschsprachiger Frauen (1920-1945)*, Stuttgart/Weimar, Metzler.

Georgiadou, Areti (1996), *Annemarie Schwarzenbach. Das Leben zerfetzt sich in mir in tausend Stücke. Biographie*, Frankfurt a. Main/New York, Campus Verlag.

Grente, Dominique/Nicole Müller (1989), *L'ange inconsolable. Une biographie d'Annemarie Schwarzenbach*, Lien Commun.

Heintz-gresser, Anne-Marie (2000), "Die Rolle des Schreibens/der Schrift bei Annemarie Schwarzenbach", in *RUNA* 28/1999-2000, S.: 255-262.

Murath, Clemens (1995), "Intertextualität und Selbstbezug – literarische Fremderfahrung im Lichte der konstruktivistischen Systemtheorie", in Anne Fuchs/Theo Harden (Hrsg.), *Modell der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C.Winter, S.: 3-18.

Opitz, Alfred (1997), *Reiseschreiber. Variationen einer literarischen Figur der Moderne vom 18.-20. Jahrhundert*, Trier, Wissenschaftliches Verlag Trier.

Perret, Roger (2000), "Meine ins Ferne und Abenteuerliche verbannte Existenz", in Annemarie Schwarzenbach, *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/1940*, Basel, Lenos, S.: 139-160.

Said, Edward (1995), *Orientalism. Western conceptions of the Orient*, [1978], London, Penguin Books.

Schwarzenbach, Annemarie (2. Aufl. 2002), *Winter in Vorderasien. Tagebuch einer Reise*, Basel, Lenos (1. Auflage, 1935, Zürich, Leipzig, Stuttgart, Wien, Rascher).

-- (1993), "Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben". *Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann. Briefe 1930-1942*, hrsg. von Uta Fleischmann, Pfaffenweiler, Centaurus.

-- (1995), *Tod in Persien*, hrsg. von Roger Perret, Basel, Lenos.

-- (2002), *Alle Wege sind offen. Die Reise nach Afghanistan 1939/1940*, hrsg. von Roger Perret, Basel, Lenos.

Ueckmann, Natascha (1998), "Annemarie Schwarzenbach: Ethnographin ihrer eigenen Kultur und Psychographin ihrer selbst", in Elvira Willems (Hrsg.), *Annemarie Schwarzenbach. Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus, S. 119- 136).

-- (2001), *Frauen und Orientalismus. Reisetexte französischsprachiger autorinnen des 19. Und 20. Jahrhunderts*, Stuttgart u. Weimar, Metzler.

Vilas-Boas, Gonçalo (1995), "Alles ist ein Fortgehen. Einblicke in Annemarie Schwarzenbachs vorderasiatische Reiseberichte und Erzählungen", in Anne Fuchs/Theo Harden (Hrsg.), *Modell der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur, University College Dublin vom 10.-12. März 1994*, Heidelberg, C.Winter, S.: 343-357.

Wanner, Kurt/ Marianne Breslauer (1997), "wo ich mich leichter fühle als anderswo". *Annemarie Schwarzenbach und ihre Zeit in Graubünden*, Chur, Verlag Bündner Monatsblatt.

Willems, Elvira (2002), "Neugierig, wissensdurstig, ungeduldig, unterwegs – allein". *Annemarie Schwarzenbachs Reisen nach Vorderasien*, Hagen, Universitätsbibliothek.

“Agora o Coração tem de ser Forte e a Criatura Castigada”.

Textos Jornalísticos de Annemarie

Schwarzenbach dos Anos 1941-1942⁴⁵

Annemarie Schwarzenbach escreveu muito durante os seus dois últimos anos de vida, se bem que quase tudo o que foi publicado até hoje é apenas matéria jornalística. Na verdade, há que distinguir entre os seus artigos de jornalismo cultural e a produção literária propriamente dita. Nesta última, AS dá livre curso ao seu Eu: são textos de forte cunho autobiográfico, como é possível detectar no fragmento de romance *Wunder des Baumes* [Milagre da Árvore] ou no poema em prosa *Marc*, onde os protagonistas são *alter egos* da autora, embora em caso algum se possa falar de identificação plena, dado que se está perante textos de ficção. Em contrapartida, nos textos para a imprensa ou de jornalismo cultural, a autora procura fornecer uma informação objectiva. Contudo, é legítimo afirmar que, em alguns desses textos, o elemento subjectivo passa a primeiro plano, mesmo não se tratando de ficção.

A propósito de alguns textos de jornalismo cultural que vieram a lume na imprensa suíça em 1941 (desde a expulsão de AS dos Estados Unidos em 1 de fevereiro desse ano) e em 1942, procurar-

⁴⁵ A parte teórica deste ensaio inspirou-se, em parte, no meu artigo “Ein fremder Blick durch Sprache. Über Annemarie Schwarzenbachs Reiseberichte aus Vorderasien”, na edição de autor *Erinnerungen mit Menschen. Texte für Christa Grimm aus dem Umfeld ihrer internationalen Arbeit* (Recordações com pessoas. Textos para Christa Grimm do círculo do seu trabalho internacional.), editado por Hugh Ridley (Dublin) e Wolf Wucherpfennig (Roskilde). Nas citações, procurou-se manter a ortografia de Schwarzenbach. Este texto foi inicialmente publicado em *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 10-11/Dezembro de 2004: 97-22.

-se-á, por um lado, ilustrar a continuidade estilística da autora neste tipo de textos e, por outro, verificar se as novas ideias, patentes nos seus escritos literários, ensaios e cartas, encontram eco nos textos destinados à imprensa.

Tendo em conta as biografias disponíveis, houve o cuidado de iluminar, de forma sucinta, os contextos subjectivos e colectivos. Textos e contextos são indissociáveis, na medida em que estes estão, directa ou indirectamente, incorporados na escrita dos primeiros.⁴⁶ Nesta relação, revela-se ser importante ter sempre presente a biografia de AS, uma vez que as “vozes” do seu tempo chegaram até nós *filtradas* por ela, pela sua linguagem. É aqui que confluem os contextos subjectivos e colectivos.

O que levou AS a viajar? Muitos dos motivos são-nos revelados pelos seus biógrafos Dominique Laure Miermont, Areti Georgiadou, Charles Linsmayer, Roger Perret. AS foge da mãe, do lar, da Europa e, não em menor escala, de si própria. De AS poder-se-ia dizer o mesmo que Reif afirma no seu estudo sobre o exotismo nos relatos de viagem em princípios do séc. XX:

O recurso ao estranho é, no caso dele, [Reif, GVB] explicável por um défice de vivências. A racionalização crescente da vida no mundo ocidental tornou cada vez mais difícil a apropriação emocional e sensorial do mundo. O exotismo é aqui entendido como uma das contra-reações a essa alteração da moderna realidade da vida e, por esse facto, articula-se com outras correntes filosóficas e estéticas da interioridade. (Fell 1998: 27)

No caso de AS, podemos interpretar a vontade de viajar como reacção ao clima intelectual que se vivia na Suíça.⁴⁷ A “defesa intelectual do país” (*geistige Landesverteidigung*) dos anos 30 e 40

⁴⁶ Vide Kovala que fala da “essential inseparability of text and context”. Refere, além disso, a “embeddedness of texts and contexts on various levels”: em consequência “the need to analyse text-context relations in textual analysis as well” (Kovala 2001: 155-161).

⁴⁷ A este propósito escreve Georgiadou: “Através da viagem ao Oriente, Annemarie Schwarzenbach distanciou-se, aliás, ainda mais da situação política na Europa e a vida na Suíça natal parece-lhe igualmente irreal e destituída de um sentido mais profundo” (1996: 128).

havia sido pensada como medida de protecção contra a “invasão” da Suíça por textos alemães de cunho nacional-socialista. Deste ponto de vista, os textos ficcionais de AS (tematizando-se a si própria com uma obsessão excessiva), não podiam ser bem acolhidos; em contrapartida, a publicação em jornais de relatos de viagens era inofensiva, porque neles se lia sobretudo o factual e informativo, com ou sem a presença na escrita de outras dimensões.

Registam-se diferenças na necessidade de viajar de AS após a sua expulsão dos Estados Unidos? Não conseguia fixar-se, para além da da perene presença da mãe que não queria AS de volta à Suíça, com medo de um eventual escândalo. Procuremos então nas biografias de Georgiadou e na última de Miermont se se pode falar de fuga ou se são verificáveis desvios na necessidade de viajar.

São conhecidos os problemas de AS na América. Para o que pretendo neste momento basta referir que, ao deixar Nova Iorque, a autora se encontrava num estado de grande vulnerabilidade. Nessa cidade, o relacionamento com os Mann não foi o que ela esperava, mas, em compensação, conheceu Carson McCullers, com quem iniciou uma troca de correspondência que se prolongaria por uma fase posterior. AS tentou escrever para os jornais aproximadamente 30 textos, dos quais foram publicados cerca de 12 (*vide* Miermont 2004: 324). Merece especial destaque o texto *Die Schweiz, das Land das nicht zum Schiessen kam* [A Suíça, o país que escapou ao tiroteio], onde faz comentários políticos acerca da neutralidade, texto que, considerado demasiado político, não foi publicado na altura. Pode-se constatar o estado de espírito da autora através das suas cartas, por exemplo a Ella Maillart: numa carta de Janeiro de 1941, AS fala de uma tendência para a auto-destruição, mas verifica-se também que ela se volta para si mesma e que, na sua busca de liberdade, começa a aceitar a vida. A 28 de Janeiro escreve a Klaus Mann, depois de se ter pronunciado sobre a agitada relação amorosa havida entre os dois e constatado que sempre fora dependente de outrem, que sempre vivera na expectativa de uma resposta dos

outros: “– ou então é preciso sentir alguma vez o negro silêncio absoluto e nele, a própria força e invulnerabilidade –” (Schwarzenbach 1993: 186). No início de 1941, em White Plains, AS já se encontra em condições de escrever alguma coisa e, segundo Miermont, chega mesmo aos dez artigos nos últimos dez dias da estada (sete serão publicados). A bordo do “Siboney”, continua a escrever. “Esta fase jornalística invulgarmente produtiva prolonga-se até ao Verão de 1942” (Georgadiou 1996: 210). Depois, viaja até Lisboa, onde encontra o ministro suíço Henri Martin com quem travara conhecimento em Ancara. Este propõe-lhe escrever alguns artigos, estabelecendo os contactos necessários e apercebe-se de que, através da escrita, AS consegue superar as suas depressões. “Pelo menos na aparência, Annemarie dá uma impressão mais descontraída nestes últimos meses” (*ibidem*). Entre Fevereiro e 7 de Abril, AS permanece em Lisboa; depois, viaja para Madrid e a Suíça, país que a família de AS gostaria que ela abandonasse. Entre outras coisas, a autora elabora o material sobre a viagem ao Afeganistão e refaz textos que escreveu na América, como é o caso de *Die zärtlichen Wege, unsere Einsamkeit* [Os caminhos ternos, a nossa solidão], no qual evoca os momentos de desespero por que passou e onde são trabalhadas algumas ideias extraídas do romance *Das glückliche Tal*, por exemplo o diálogo com o anjo e a tematização da solidão. Está a caminho de aceitar a sua solidão, depois de os seus envolvimento afectivos terem soçobrado, devido ao seu carácter tempestuoso. Encontra-se agora livre de drogas, tal como escreve a Maillart a 23 de Julho de 1941. Nesta carta, escreve AS:

Je vais découvrir une partie du monde, et apprendre à vivre seul.
[...] Aimer tout
en acceptant la condition de notre solitude, se lançant de nouveau
et encore et encore dans un élan amoureux envers le monde et
’être aimé, – accepter la douleur de notre condition sans nier
que nous savons, profondément, notre amour désespéré, – et
rester courageux.

Parte para África (com escala em Lisboa), tendo, ao que parece, agradado-lhe o tempo passado nesta cidade: “A estadia aqui foi tão agradável e gratificante que me é penosa a despedida”, diz em carta a Anignia, a 15 de Maio. Parece que se sente melhor. A 2 de Agosto de 41, escreve a Maillart que pretende: “écouter calmement la voix intérieure.[...] Et maintenant se fait l’unité entre ce que parle en moi, et le monde dehors.” Durante a viagem, escreve sobre as regiões que vai visitando e redige um diário de bordo em quatro partes.

Em África, sente que não é bem acolhida: suspeitam de espionagem. O que, para ela, representa uma grande desilusão, na medida em que alimentara esperanças de lutar contra os nazis, ao lado de de Gaulle. Sai da cena política e dirige-se para Molanda, uma roça no interior do Congo, pertença de uma família suíça. Com Frau Vivien, faz uma longa viagem de automóvel pelo coração da natureza africana. Essas experiências encontram expressão escrita no extenso texto *Beim Verlassen Afrikas* [Ao deixar África], escrito a bordo do navio português “Quanza” (14-30 de Março de 1942). A Natureza exerce, aqui e agora, um maior impacto sobre ela, do que outrora no Próximo Oriente, onde a “fuga” de AS assumira outros contornos. A partir deste momento, a sua filosofia de vida passa a estar muito ligada à natureza, é realmente preciso ouvir a música da Terra em movimento, como escreve a Carson McCullers, a 3.10.41. “Nul doute que cette philosophie personnelle n’ait été influencée par ce qu’Ella Maillart lui transmet dans ses lettres des leçons reçues auprès de ses maîtres en Inde” (Miermont 2004: 349).

AS pretende deixar a África subsariana e trabalhar no Egipto como jornalista. Mas não lhe dão o visto necessário. A partir de Outubro de 1941 até Fevereiro de 1942 trabalha na obra *Das Wunder des Baumes*, na qual se escreve a si própria, mau grado um enquadramento ficcional. “Mais do que tudo, ela reflecte sobre a sua própria disposição anímica” (Georgiadou 1996: 216).

O papel da natureza, a empatia com o sofrimento de cada ser humano, a possibilidade de superação dos poderes terrenos, a busca da felicidade no interior de si mesma e não nos outros são algumas das ideias que nesta fase AS elabora para si (e para os leitores). É preciso não só oferecer resistência ao fascismo, mas também à vida falsa (carta a Maillart de 18.3.42).

Estes apontamentos biográficos servem apenas para mostrar como, na prática, AS nunca suspendeu a actividade da escrita: foi a sua maneira de vencer as depressões.

Na análise de textos de viagem deste tipo, torna-se necessário fazer a distinção entre autor e escritor de viagens, pois este último é uma construção textual, “uma figura interior ao texto” (Opitz 1997: 10). O escritor de viagens, na maioria dos casos o *alter ego* do autor no texto, descreve o que vê. Acto que pressupõe o lado subjectivo do ver, na medida em que por detrás de uma perspectiva, há sempre uma personalidade, uma subjectividade, mas também um contexto pessoal e colectivo. O vivido (*das Erlebte*) tem, assim que ser “con-vertido” (*über-setzt*) (*ibidem*).⁴⁸ Acresce ainda o género que funciona como sub-sistema literário e tem determinados pressupostos ou “regras” que influenciam quem escreve.

O que o escritor de viagens revela não se identifica necessariamente com o vivido pelo autor: trata-se de uma imagem filtrada, da ordem da palavra, e influenciada, em maior ou menor escala, pelo contexto literário (por exemplo pelas condições de publicação dos jornais onde aparecem muitos desses relatos, pela tradição do género, etc.). Por isso é legítimo falar da relevância dos contextos e intertextos da literatura de viagens. Mas trata-se também duma selecção de vivências (é frequente estes autores tomarem simples notas, a partir das quais se elaboram, já em casa, as versões finais dos textos). Pode-se aqui falar de delimitação (próprio/alheio), de registo das diferenças (com ou sem avaliação), de comunicação daquilo que

⁴⁸ Opitz escreve a propósito da obra de Canetti *Stimmen von Marrakesch* (Vozes de Marraqueche) algo que é válido em geral para a literatura de viagens: “Daí a inevitável “conversão” (*Übersetzung*): da contingência no sentido, do sentido na língua” (Opitz 1997: 51).

foi vivido enquanto experiência interessante, de paralelismos, de equiparação e comparação (*vd.* Deeg 1992: 172).

Os viajantes querem registrar as suas experiências. Mas com que finalidade? As razões variam de autor para autor. Pode-se afirmar com Ueckmann, “a função dos relatos de viagem é, em dado momento, referenciar o que se observou entre o Aqui e o Algures e fazer a distinção entre ambos” (Ueckmann 2001: 51).

Quando se lêem textos de viagem em suplementos de jornal escritos por diferentes autores, é notório que as imagens de um país, de uma cidade, de um povo não se distinguem radicalmente umas das outras, ao contrário da configuração linguística. Dessa configuração linguística faz parte a subjectividade do autor e também o seu representante no texto, a instância narrativa enquanto figura textual.

Antes de iniciar a “viagem de leitura” através dos textos schwarzenbachianos de 1941 e 42, note-se a observação feita por Alfred Opitz no seu livro acerca de escritores de viagem:

Não se trata de passar à escrita uma viagem individual e única, mas de adequar formas linguísticas a uma viagem legitimada como autêntica. (Opitz 1997: 221)

Isto tem que ver com a razão da escrita em AS: escrever foi, para ela, uma primeira tentativa de emancipação. Sair de casa e viajar representaram outras tantas tentativas. Escrever é uma maneira de a-preender a realidade, tomar de facto o pé na realidade do seu “território”.⁴⁹

Para AS, escrever era uma questão vital para não perder a realidade de si mesma; daí que o material de viagem (as realidades descritas e viajadas) só se torna relevante na medida em que lhe permite “conquistar” o mundo através da palavra. A palavra, porém,

⁴⁹ Roger Perret utiliza a palavra “território”: “O território que foi criado através da escrita também não pode ser confiscado” (*in* posfácio *Lyrische Novelle*: 114). A este propósito, Rohlf, apresenta-nos “Territórios e Desterritorialização” (2001: 310-321).

também tem de ser “conquistada”. De Yverdon, em fins de Janeiro de 1939, AS escreve a Klaus Mann:

Estou neste momento a escrever uma pequena obra insólita e nunca na minha vida trabalhei de forma tão esforçada. [...] Escrevo de manhã, de tarde e à noite; não faço mais nada e mesmo assim não produzo por dia senão cerca de duas páginas. (1993: 172)

Quando escreveu estas palavras, AS estava a fazer uma cura de desintoxicação: sentia-se fraca e as frases dão testemunho da sua luta com a língua e da sua consciência linguística.

É evidente que isto se aplica mais às suas obras de ficção, mas também afecta as não-ficcionais, sobretudo aquelas onde a autora não se oculta por detrás da objectividade do que é descrito.

A estranheza não é apenas representada nas descrições de paisagens, mas também na relação entre a relatora de viagens e aquilo que é relatado. A estranheza é “um aspecto da nossa própria consciência” escreve Murath. E continua: “É assim que o viajante “lê” paisagens estranhas e costumes desconhecidos: recupera intertextos próprios e aplica-os segundo uma nova combinatória” (Murath 1995: 5). Isto significa que a matéria descrita é, a um tempo, auto- e hetero-referencial. Auto-referencial porque, de uma forma ou de outra, o autor/autora integra no texto o seu próprio sistema; hetero-referencial porque também existe uma referencialidade externa.

O elemento estranho despoleta a auto-reflexão em AS, porque leva-a também a comparar o que vê com aquilo que conhece. A sua própria visão é influenciada pelas outras figuras do texto (e, é claro, pelas pessoas que as apadrinham). O ver/vivenciar é, assim, um empreendimento múltiplo que posteriormente se vem a concretizar num texto acabado.

Dá-se agora início a uma “viagem” através dos artigos publicados em suplementos culturais pela viajante A. Schwarzenbach,

desde a sua chegada à Europa, em 1941: primeiro, a sua chegada a Portugal; depois, a viagem de barco para África; em terceiro lugar, a permanência em África (Congo); quarto, o regresso a Lisboa; quinto, a viagem a Marrocos.

Os primeiros artigos têm um cunho jornalístico: abordam temas como a cidade de Lisboa, a Cruz Vermelha, o abastecimento da Suíça através de Portugal, a Marinha suíça, a benção dos barcos, os motivos porque se encontram tão poucos passageiros a bordo do navio que vem dos EUA para a Europa. AS sente-se bem em Lisboa: o ministro Henri Martin ajuda-a a encontrar as fontes de informação “correctas”, razão pela qual a autora se apoia essencialmente nelas, em vez de questionar o que lhes está por detrás, e se revela tão acrítica se compararmos estes textos com os artigos escritos nos EUA. Mas aqui é possível detectar uma atitude de princípio, segundo a qual AS se procura proteger da política real que vê como muito desumana. Em contrapartida, tem um olhar atento para a dimensão social. Esta atitude está patente desde sempre nos seus textos de jornalismo cultural. Daí que AS recorra a muita informação estereotipada acerca de Portugal e não se interrogue acerca das ligações fascistas do regime vigente, como é, por exemplo, o caso do artigo “Offener Himmel über Lissabon” [Céu aberto sobre Lisboa], onde escreve: “[...] sob o regime democrático, mau grado autoritário e prudente, de Salazar, que não se pode designar por, ditador, mas antes, alguém que, democraticamente, impede a ditadura.”⁵⁰ É que, na Europa, Portugal constituía uma espécie de ilha de liberdade, mesmo que pobre e tristonha, e uma ponte para os outros continentes.

AS fora bem acolhida e só estava de passagem. A 15 de Maio de 1945, escrevia a Anignia Godli:

A estadia aqui foi tão agradável que me é penosa a despedida.
Cumulam-me de atenções extraordinárias e muitas vezes me

⁵⁰ *Thurgauer Zeitung*, 10 de Abril de 1941.

vejo obrigada a perguntar-me o que me tornou merecedora de tanta cordialidade e afecto que me chegam de todos os lados. (Willems 1998: 247)

Ou no artigo “Rückkehr nach Lissabon” [Regresso a Lisboa]: “De todas as cidades que conheço, nenhuma me acolheu tão bem como Lisboa, da primeira vez que aqui vim.”⁵¹

A visão política sobre Portugal é ingénua, mas de modo algum – como já foi afirmado – apoiante do fascismo português; antes lhe passa ao lado como, aliás, aconteceu à maioria dos jornalistas que visitaram o país em inícios dos anos 40. Lisboa era vista nessa época como um “campo de refugiados” (Erika Mann 1991), “um paraíso triste” segundo Saint-Exupéry. Os estrangeiros da Europa estavam demasiado ocupados consigo próprios para se familiarizarem com a realidade oculta do país. De resto, a historiografia actual não encara o regime de Salazar como fascismo, mas sim como ditadura. As diferenças em relação a Hitler e Mussolini eram demasiado grandes.

AS apenas se encontrava em trânsito por Lisboa e queria ver os seus textos publicados. Por isso, tinha que se adaptar. A imprensa suíça, dizia um editorial do *Neue Zürcher Zeitung* (17 de Janeiro de 1941),⁵² devia manter uma posição neutral e não tomar partido a favor ou contra uma das partes beligerantes. Só a neutralidade permite o equilíbrio. Uma comparação com outros jornalistas, por exemplo o famoso Dr. Hans Walter Hartmann do *NZZ* (Maio, Junho e Julho de 1942), revela como existia um interesse pela figura de Salazar e pelo seu regime que conseguia defender os antigos valores europeus. Era frequente lerem-se em jornais suíços palavras elogiosas em relação a Portugal e ao regime aí instalado. Salazar fora capaz de manter o “equilíbrio”, colaborando com ambas as partes. Neste artigo, não se fala de fascismo. Mas o antifascismo

⁵¹ *National-Zeitung*, 4 de Junho de 1941.

⁵² “Die schweizerische Presse in der Kriegszeit” [A imprensa suíça em tempo de guerra]. *Neue Zürcher Zeitung*, 17 de Janeiro de 1941.

de AS torna-se visível nas suas tomadas de posição em África. E também é curioso observar que muitas vezes – embora nem sempre – a autora assinala os seus elogios ao regime como citações directas ou indirectas das suas fontes.

Assim, a autora vive em Lisboa uma espécie de paz e alegria de viver: é livre, pode escrever, tem apoios, o país agrada-lhe, como se pode ver, por exemplo, em *Lissabon. Neues Leben in einer alten Stadt*.⁵³ [Lisboa. Vida nova numa cidade antiga]. Estabelece igualmente comparações com a antiga história portuguesa que está tão presente em muitos monumentos. O seu contentamento revela-se em alguns textos de carácter mais pessoal, nos quais descreve os seus passeios nos arredores de Lisboa. Impressionam-na, acima de tudo, a luz e o rio Tejo, largo e prateado.

Depois da segunda estada em Lisboa durante o ano de 1941, AS partiu para África, a bordo do “Colonial”, pequeno navio português. O ritmo intenso de escrita mantém-se, mesmo sabendo a autora que não pode enviar imediatamente estes artigos para a Suíça: o correio vindo de África segue percursos complicados. O primeiro artigo – *Funchal* – fora dedicado à ilha atlântica da Madeira: trata-se de um texto jornalístico de viagens, onde está patente o entusiasmo e a alegria de viver de AS.⁵⁴ Entre o dia 21 e o dia 25 de Maio, redige um “diário de bordo”⁵⁵ em quatro partes. Dá informação acerca da viagem e dos passageiros que agora deixam a Europa para poderem alcançar outros destinos ou assumir os seus cargos nas colónias e também daqueles que preferiam que os seus filhos fossem educados nessas paragens em vez de o serem nas suas pátrias ocupadas. A situação política do mundo é, evidentemente, tema de discussões a bordo. AS critica aqueles que, de forma irresponsável, só pensam em si, nos seus privilégios privados e que arruinaram o liberalismo, esse tipo “incurável” de pessoas (III). Em contrapartida, preocupa-a “a que ponto vai realmente a capacidade de compromisso do ser hu-

⁵³ *National-Zeitung*, 19 de Março de 1941.

⁵⁴ *National-Zeitung*, 10 de Setembro de 1941.

⁵⁵ “Schiffs-Tagebuch”, *National-Zeitung*, 6, 7, 14 e 17 de Outubro de 1941.

mano” (I) e elogia todos os que demonstram coragem nestes tempos difíceis. Ela própria parece resistir ao desânimo, mesmo quando se questiona: “Mas o que é que eu quero de facto?” (II). Nesta pausa para recobrar alento, evoca as experiências passadas em Lisboa e no Funchal: “Um país tão belo, cujo solo pisei com uma alegria transbordante [...]” (III). Na última parte deste pequeno diário, nota que “em Portugal, tive a impressão de que as pessoas já se resignavam logo à partida” (IV), mas que aquelas que agora abandonam a Europa, não estão dispostas a entregar-se a um qualquer regime: arrogam-se o direito a ter opinião.

AS escreve artigos para diversos jornais, recorrendo, em parte, às mesmas informações. Em *Aequator*⁵⁶ [Equador], retoma vivências da viagem ao longo de África, apreendidas menos como visão clara do que como sensação:

O navio abarca a nossa existência e delimita as nossas manifestações vitais, tal como sempre foi imposto um limite às nossas liberdades através de um destino rigidamente estabelecido e orientado segundo determinado percurso e direcção.

Todos têm que tentar “viver a vida como um desafio à morte diariamente renovado”. A resistência do ser humano também é mais forte do que se possa pensar, “talvez tenhamos em breve que conquistar cada passo, como agora só acontece com o respirar fundo”. Ao mesmo tempo, vê que esta viagem “prepara o caminho para o interior”. A 29 de Maio de 1941, AS escreveu um poema em prosa intitulado *Aequatornähe* [Proximidade do Equador], texto melancólico, mas de modo nenhum resignado, onde a autora se concentra mais no seu próprio Eu no que nos textos destinados aos jornais. AS quer alcançar a sua liberdade (“libertar-se desta tremenda vulgaridade”; “Deixem-me – homens, homens, filhos de homens”) e começa a abrir-se à ideia de ter que lutar sozinha pelo caminho que quer seguir.

⁵⁶ *Die Weltwoche*, 19 de Setembro de 1941.

Chegada a África, começam a surgir-lhe dificuldades e desfez-se a esperança de poder trabalhar na rádio francesa no exílio. Apesar disso, escreveu alguns artigos que só mais tarde – em 1941 ou mesmo em 1942 – puderam ser publicados. A 9 de Janeiro de 1941, AS escreve *Irgendwo in Französisch-Westafrika* (1990: 300-302) [Algures na África Ocidental Francesa], onde mostra compreensão perante o necessário condicionamento da liberdade de imprensa em tempos como esse. Defende aqui igualmente a ideia de que as colónias em África adquirem uma importância acrescida, agora que estão isoladas das respectivas pátrias e são forçadas a encontrar o seu próprio caminho, tal como AS também escrevera em *Der belgische Kongo und der Krieg*⁵⁷ [O Congo Belga e a Guerra]. Mais subjectivo é o artigo *Begegnung mit dem Dschungel*⁵⁸ [Encontro com a Selva], que AS escreve em Lisala, a caminho da roça de Mondala: “Pensei que para subsistir nestas paragens, era certamente preciso empreender uma luta contra a floresta, por assim dizer uma luta contra os elementos, uma luta primitiva pela existência”. A Natureza é tão poderosa que pode representar uma ameaça. AS sonha que abre clareiras na floresta virgem para poder calcular o espaço! Os brancos reagem fechando-se à chave, mal saindo das suas casas, refugiando-se nos velhos hábitos quotidianos trazidos da Europa. Finalmente, chega a Mondala, a 250 km de Lisala que, por seu lado, ficava a sete dias de viagem fluvial a partir de Léopoldville. Mas “a vista era maravilhosa”. AS escreve igualmente um “*Kleines Kongo-Tagebuch*” [Pequeno Diário do Congo],⁵⁹ onde relata a sua vida em Léo(poldville), as suas visitas a Brazaville, a saudade de locais anteriormente visitados. Tem que deixar Léopoldville:

⁵⁷ *Neue Zürcher Zeitung*, 7 de Agosto de 1942.

⁵⁸ *Die Weltwoche*. 5 de Dezembro de 1941. Também em AS 1990: 307-310.

⁵⁹ *National-Zeitung*, 13, 16, 20 de Abril e 4 de Maio de 1942.

Nada me dava qualquer alegria, mas era o meu trabalho conhecer o interior dos países e amá-los sinceramente, para poder descrevê-los a outras pessoas!⁶⁰

Esta afirmação encerra a motivação não ficcional de AS, aquilo que a leva a escrever. Vê como condição para a sua escrita amar os países por onde viaja, encetar uma espécie de “relacionamento” com eles, de modo a que o que escreve seja sincero.

O Congo é um dos maiores rios do mundo: atravessa a floresta virgem e uma pessoa deixa de ver seja o que for. “O meu coração parou.” Mas

[p]orque este Eu da hora que se segue que me é sempre estranho e do qual sei o que irá assumir sem sofrer danos [...] Agora voltei a reconhecer e testar que esta vida não pertence a quaisquer mundos mágicos, mas busca e ama e portanto conhece um objectivo e um fim e as forças da liberdade para se afirmar com ousadia.

Recorrendo a uma linguagem viva e plástica, AS traz até aos leitores as suas experiências na roça, cercada pela floresta virgem, onde o horizonte é exclusivamente constituído por árvores.

É interessante notar que, em AS, os negros só aparecem marginalmente, tal como nos textos sobre o Médio-Oriente, os árabes raramente têm a palavra; pertencem, por assim dizer, à paisagem, são criados dos brancos. A autora não se libertou do discurso do colonialismo branco, em parte representando inconscientemente as ideias do “orientalismo”, tal como foram formuladas por E. Saïd. O eurocentrismo nunca a abandonará, irá sempre co-determinar a sua visão do que é diferente, mesmo quando está aberta ao novo, a uma realidade diversa.

AS regressa à Europa a bordo do navio português “Quanza”, fazendo novamente escala em Lisboa. Tinha embarcado em Luanda, uma cidade muito portuguesa em Angola, onde os brancos eram

⁶⁰ *National-Zeitung*, 13 de Abril. Também em AS 1990: 306

não apenas funcionários pensando exclusivamente no regresso, mas também cidadãos aí normalmente domiciliados: “A Luanda africana e a Lisboa europeia são realmente quase cidades vizinhas”, escreve AS em *Ein Schiff aus Afrika*⁶¹ [Um barco vindo de África]. Os passageiros regressam à Europa por variadíssimos motivos, inclusive aqueles que embarcaram em Freetown. É aí que, pela primeira vez ao longo da viagem, se fez a experiência de viver num mundo em guerra, apesar da humanidade dos militares britânicos embarcados nesse porto. A autora pergunta-se em *Zwischen Afrika und Europa*⁶² [Entre a África e a Europa] se se teria aprendido,

que, os conceitos, em tempo de guerra, de amigo e inimigo nada representam, comparados com os simples, fortes e eternos sentimentos de que todos partilhamos e nos irmanam?

Na realidade, esta posição idealista não é nova: para AS, o mundo não era a preto-e-branco e, por esse motivo, tomar uma posição tornava-se mais complicado para a autora do que, por exemplo, para Klaus Mann, cuja luta anti-fascista era inequívoca.

O seu amor ao mundo português encontra uma bela expressão em *Kleine Reise unter der Flagge Portugals*⁶³ [Pequena viagem sob o pavilhão de Portugal], onde AS reafirma o seu posicionamento perante o regime português (que voltará a afirmar ainda noutros artigos), uma vez que nele identifica atitudes a favor da paz e a defesa da herança europeia. Em 1942, são publicados nove artigos sobre Portugal, onde mistura elementos jornalísticos com aspectos que caracterizam os suplementos de viagens. Os artigos, redigidos sob uma perspectiva subjectivista, versando sobretudo passeios em Lisboa e arredores deixam transparecer uma atitude mais tranquila do que a do ano anterior. Na verdade, trata-se de um regresso, de um encontro com o já conhecido: “Para nos

⁶¹ *National-Zeitung*, 26 de Maio de 1942.

⁶² *Zwischen Afrika und Europa*, *Die Tat*. 12 de fevereiro de 1943.

⁶³ *Luzerner Tagblatt*. 8 de Agosto de 1942.

reencontrarmos a nós próprios, temos de recordar qualquer coisa que nos é afim e familiar, tal como acontece quando nos vemos ao espelho”.⁶⁴ Desta maneira, para AS, a experiência revivida faz parte do sentir-se em casa. Na sua visão sobremaneira idílica, a autora interroga-se: “De que precisamos para viver?”⁶⁵ Isto é uma afirmação da vida simples, agora que AS já não se encontra em fuga, mas em busca de uma missão.

Passando por Espanha, AS viaja para Marrocos, onde Clarac ocupa um posto consular. A travessia aérea, descreve-a a autora em *Flug nach Marokko* [Travessia aérea para Marrocos], texto dactilografado e datado de 29 de Maio de 42. Levanta voo de um campo de aviação em Sintra e evoca as diversas etapas da sua vida, o que, aliás, e como já vimos, é agora prática frequente. Os planalto espanhol surgiu-lhe “austero, solitário, despojado”, esta “extensão amarelada, quase destituída de cor”. E então, finalmente, o aeródromo de Tânger. Volta a ouvir a língua árabe, recorda as suas viagens ao Médio Oriente. A luz deslumbra-a: “nem em Portugal, tão brilhante e dourada; nem na Ásia, tão suave e ondulante; nem lá em baixo, no coração de África, tão pujante e tranquilizadora.” Estava contente: “Era como se tivéssemos de abraçar esta imagem, como se fôssemos abraçados, embalados e sustidos por ela.” “Neste país, AS redigiu alguns artigos que rapidamente foram publicados na Suíça. *Marokkanische Erntezeit*⁶⁶ [Tempo de colheita em Marrocos] foi escrito a 4 de Junho e duas semanas mais tarde já tinha vindo a público. Três quartos do artigo são pensamentos sobre o viajar numa era atribulada, em que os seres humanos desaprenderam a “reconhecer a língua do próximo, o aroma das flores campestres, o canto da cotovia e o som dos sinos na aldeia natal.” Viajar não tornou as pessoas mais felizes, não as aproximou

⁶⁴ “Wiedersehen mit Portugal” [Portugal revisitado]. *Die Weltwoche*. 15 de Maio de 1942.

⁶⁵ “Spaziergang in Portugal” [Passeio em Portugal]. *National-Zeitung*, 1 de Junho de 1942.

⁶⁶ *National-Zeitung*, 18 de Junho de 1942. Também em AS 1990: 313-316.

umas das outras – lamenta AS – não se reconhece no Outro o irmão, depressa se esqueceu a solidariedade neste “campo de batalha”. Imensamente serena, avança então para o tema anunciado no título: a bela perspectiva dos campos, o trabalho da colheita. Tudo é “tão estranho, tão curiosamente próximo”. Numa linguagem muito significativa, descreve o que vê, tudo encabeçado por verbos como “luzir”, “cantar”, “ouvir”, “cheirar”. A lentidão e a tranquilidade espelham-se na sintaxe, não só mediante o encadeamento de imagens, mas também através de estruturas paratáticas, como é, por exemplo, visível nesta frase:

E homens a cavalo e carros atulhados e bois e rebanhos de ovelhas caminham pelas estradas ao brilho do poente, com a veemência do veludo e o fulgor do ouro.

No artigo *Eine Mondnacht in der Schellah*⁶⁷ [Uma noite de luar na Chela], após algumas considerações acerca de noites enluaradas já vividas noutras paragens, descreve uma noite de luar com os peregrinos na necrópole dos sultões merínidas, de onde desfruta uma vista maravilhosa e tranquila da paisagem. Em *Spanische Zone*⁶⁸ [Zona espanhola], estabelece paralelos com a África Negra: aqui tudo é mais afável, há vontade de fazer coisas, de cultivar os campos, as árvores dão-nos frutos e sombra. Ela quer aprender com a Natureza e sente-se bem aqui, neste país que tem muito da Europa meridional:

E tão brando é este local debruando o mar e fazendo a ponte entre continentes, tão grande a jovialidade do céu que prolonga o dia e reveste a noite com um manto de veludo e ouro.

⁶⁷ Dactiloscrito de Junho de 42, publicado em Dieterle/Perret 1990: 317-320.

⁶⁸ *Neue Zürcher Zeitung*, 21 de Julho de 1942.

Em *Die Stadt der Quellen und Winde*⁶⁹ [A cidade das fontes e dos ventos], dá-nos uma visão muito própria da vida em Tetuão. Ao contrário de outros artigos, não há aqui uma presença directa do “Eu”; mas, indirectamente, ela marca sem dúvida a forma como AS descreve a paisagem e os habitantes da cidade marroquina, articulados com as fontes e aos ventos que participam na configuração das suas gentes e constituem igualmente a linha condutora do texto.

Nestes artigos, sobretudo nos de 1942, é possível detectar uma atitude narrativa mais serena. Além disso, a sua linguagem denota riqueza de adjectivação, permitindo-lhe a expressão de uma visão matizada. Já não se trata de uma magia dos nomes, como aquando da viagem com Maillart. Daqui em diante, os nomes são relevantes – como em todos os relatos de viagem – enquanto pontos de orientação, âncoras presentes, tanto na realidade como nos textos jornalísticos. A escritora de viagens, que voltamos a encontrar nos textos, procura muitas vezes não se afastar das experiências da autora.

Desde a sua estada em África, AS dedica uma atenção especial ao seu “travail intérieur” e dá-se conta de que “mon expérience d’Afrique m’a appris plus clairement que tous mes autres ‘bas’ la futilité du monde extérieur, la fausse ‘réalité’” eram irrelevantes. E continua: “Ayant renoncé à la fausse lutte, j’ai trouvé la solitude ici – et les sources de force”⁷⁰

Já não parece encontrar-se em fuga, mesmo se, daqui em diante vá estar permanentemente em viagem: a este propósito, a sua atitude modificou-se. E apesar de falar muito de si nas suas cartas, já não encontramos tanto o ser que sofre consigo mesmo, mas alguém que aprendeu a sofrer também com o mundo. Esta atitude está igualmente patente em *Wunder des Baumes* [Milagre da árvore], onde a autora procura descobrir o mundo interior e seguir o processo

⁶⁹ *National Zeitung*, 2 de Julho de 1942.

⁷⁰ Carta a Maillart de 1 de Fevereiro de 1942.

interno da metamorfose de Marcos/ transsubstanciação segundo o evangelho de São Marcos. Esta “nova” atitude transparece, de forma subtil, nos seus textos de jornalismo cultural sobretudo na forma como a escritora de viagens aborda as paisagens, o tempo, as pessoas.

A 18 de Março de 1942, escreve a Maillart:

I want to understand the deep roots of our European crisis, and want to search for the source of real force we will need, during and after this terrific war, to build up in each soul the resistance not only against Fascism, but against all evil and “wrong life” which has brought it upon.[...] To create what we love – like pure music and I want to do all I can, within my capacities, to build up this dignified and beautiful aspect of the human soul.

AS quis sempre combater o fascismo hitleriano. Só agora parece ter conseguido encontrar a atitude e forma “adequadas” a esse combate.

Mesmo que se possa considerar a viagem com Maillart como uma derrota pessoal – mau grado a qualidade superlativa, em termos literários, dos suplementos jornalísticos sobre viagens que daí resultaram – a viagem a África (também “na companhia de Maillart, mas, desta vez, só através de cartas, cheias de conselhos e ideias) representa para AS uma vitória sobre o *lower self*. O caminho de Nova Iorque até Sils, passando por Lisboa e o Congo é um caminho que conduz a si própria. Esta atitude transformadora implica forçosamente a presença de ressonâncias a nível dos textos.

Bibliografia

Deeg, Stefan (1992), "Das Eigene und das Andere. Strategien der Fremddarstellung in Reiseberichten, in *Symbolik von Weg und Reise*, ed. Paul Michel, Berna et alii. Peter Lang.

Fell, Karolina (1998), *Kalkuliertes Abenteuer. Reiseberichte deutschsprachiger Frauen*, Stuttgart/Weimar, Metzler.

Georgiadou, Areti (1996), *Annemarie Schwarzenbach. Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke. Biografie*, Frankfurt am Main/Nova Iorque, Campus.

Kovala, Urpo (2001), *Anchorage of meanings. The Consequences of Contextualist Approaches to Literary Meaning Production*, Frankfurt am Main et alii. Peter Lang.

Mann, Erika (1991), "In Lissabon gestrandet" [1940], *Im Fluchtgepäck die Sprache: Deutschsprachige Schriftstellerinnen im Exil*, ed. Claudia Schoppmann, Berlin, Orlanda Frauenverlag.

Miermont, Dominique Laure (2004), *Annemarie Schwarzenbach ou le mal d'Europe. Biographie*, Paris, Payot.

Murath, Clemens (1995), "Intertextualität und Selbstbezug- literarische Fremderfahrung im Lichte konstruktivistischen Systemtheorien", in *Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne. Tagungsakten des Internationalen Symposiums zur Reiseliteratur*, University College Dublin vom 10.-12. März 1994, eds. Anne Fuchs/ Theo Harden. Heidelberg, C. Winter.

Opitz, Alfred (1997), *Reiseschreiber. Variationen einer literarischer Figur der Moderne vom 18.-20. Jahrhundert*, Trier, Wissenschaftlicher Verlag.

Rohlf, Sabine (2001), *Exil als Praxis- Heimatlosigkeit als Perspektive? Lektüre ausgewählter Exilromane von Frauen*, München, text+kritik.

Schwarzenbach, Annemarie (1990), *Auf der Schattenseite*, ed. Regina Dieterle e Roger Perret, Basilea, Lenos.

-- (1993), "Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben". *Annemarie Schwarzenbach an Erika und Kaus Mann. Briefe 1930-1942*, ed. Uta Fleischmann, Pfaffenweiler, Centaurus.

Ueckmann, Natascha (2001), *Frauen und Orientalismus. Reisetexte französischer Autorinnen des 19 und 20. Jahrhunderts*, Stuttgart und Weimar, Metzler.

Um Olhar Suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942⁷¹

O período “português” de Annemarie Schwarzenbach (AS) é extremamente curto, resumindo-se a umas escassas semanas, repartidas por 1941 e 42 (ainda que já em Maio de 1940 tivesse passado por Lisboa, a caminho dos EUA). Nos artigos “Passagiere nach Lissabon” [Passageiros para Lisboa] (*Weltwoche*, 7.3.1941) e “Heimfahrt aus Amerika” [O regresso da América] (*Luzerner Tagblatt*, de 22.3.1941), sobre a viagem de barco que a trará de novo à tão desejada Europa, apresenta as razões porque tão poucos passageiros viajam nesta direcção. AS refere várias vezes Lisboa, o porto de destino, uma placa giratória para tantos naquela época de fuga da Europa: “Jetzt sehen wir, dass Lissabon nur eine Station ist, wo wir uns trennen werden” [Agora vemos que Lisboa é só uma estação, onde nos iremos separar] (“Passagiere ...”, 7.3.41). O editor do jornal espera, como diz numa pequena nota introdutória, que AS escreva alguns artigos sobre Portugal e Espanha, uma vez que lhe conhece o mérito e a qualidade de anteriores reportagens, nomeadamente as escritas nos EUA.

⁷¹ Este texto é uma versão alargada do meu artigo “Céu aberto sobre Lisboa. A escritora Annemarie Schwarzenbach em Portugal em 1941 e 1942”, *Estudos/Studien/Studies. Revista da Faculdade de Letras*, Vol.1, Porto, 2001: 149-162. Foi publicado em cadernos do cieg, Coimbra, nº 11/2004: 7-39.

Em 1941 encontrou em Lisboa Henri Martin, que conhecera em Ancara. O diplomata tomara posse como ministro suíço em 14.2. desse mesmo ano. AS escreveu a Ella Maillart em 23.3.41:⁷²

Je suis restée à Lisbon [sic] trois semaines, comme par un hasard heureux, mon ami fidèle venait d'arriver comme ministre de Suisse et il me mettait immédiatement en travail: deux articles, l'un sur le ravitaillement de la Suisse par le Portugal, l'autre sur la Croix Rouge au Portugal, ont, comme résultat de ce séjour, paru dans la Neue Zürcher Zeitung. (ALS)

Na mesma carta reflecte sobre a sua situação no presente, bem diferente da de anos anteriores:

je ne veux pas seulement survivre for the sake of it, et que un jour, ça me tuerait, et ce serait une mort inutile... car, ce qui compte, c'est d'accepter la condition humaine, sans accepter la condition de cette vie humaine, sans accepter que ce soit humiliant. Aimer, Ella, ce n'est pas un esclavage, c'est la noblesse même, l'expression délicieuse de notre désir de toucher le monde, de communiquer [...]

AS escreve de Lisboa, em papel do Hotel Metrópole, a uma amiga de Sils, Anignia Godli, em 15 de Maio de 1941, depois de referir as dificuldades iniciais, por todos os vistos foram recusados:

Der Aufenthalt hier war so schön u. befriedigend dass mir der Abschied schwer fällt. Ich bin ungemein verwöhnt worden, oft muss ich mich fragen, mit was ich soviel Zuneigung und Wärme verdiene, die mir von allen Seiten entgegengebracht wird. Zu arbeiten gab es fast zu viel, wie über das erste Schiff unter Schweizer Flagge (die "Calanda"), über den Schweizer Maler Edmond Bille, über die Portugiesischen Fischer (die ein echter

⁷² As cartas citadas neste trabalho, excepto as escritas aos irmãos Mann, encontram-se no *Schweizerisches Literaturarchiv*, em Berna, que será referenciado no meu texto por ALS. Aproveito aqui para agradecer toda a colaboração que me foi dada naquele arquivo, especialmente ao Sr. Huldrych Gastpar. Todas as traduções, excepto as correspondentes aos textos de AS apresentados nesta selecção, são de minha autoria.

Schlag braver Menschen sind, unsern Bauern ähnlich).⁷³
[A estada aqui foi tão boa e satisfatória que as despedidas se tornam difíceis. Fui imensamente mimada, muitas vezes pergunto-me com o que mereci tanta simpatia e calor, que recebi de todos os lados. Trabalho, isso tenho quase em demasia, como sobre o primeiro navio com bandeira suíça (o “Calanda”), sobre o pintor suíço Edmond Bille, sobre os pescadores portugueses (um verdadeiro tipo de gente corajosa..., parecida com os nossos camponeses)] (in Willems, 1998: 247)

Quase um ano depois, em 11.1.42, ainda em África, escreveu a Maillart:

Peut-être retournerai-je au Portugal, pour vivre là-bas à la campagne, par exemple chez le peintre Edmond Bille - et pour me mettre en contact avec la mentalité et les problèmes qui nous attendent en Europe. (ALS)

Mas AS não quer abandonar o continente africano antes de acabar o romance que aí começara, *Das Wunder des Baumes*, que aliás nunca viria a acabar. Antes de partir para Lisboa, o cônsul suíço em Leopoldville, em casa de quem estava hospedada, adverte-a dos perigos de uma viagem para Lisboa. Mas AS tem que voltar à Europa, depois de meses a viver numa quinta no interior do Congo, longe de tudo.

Noutra carta a Maillart, AS escreve:

I want to understand the deeper roots of our European crisis, and want to search for the source of real force we will need, during and after this terrific war, to build up in each soul the resistance not only against Fascism, but against all evil and “wrong life” which has brought it upon.

⁷³ Edmond Bille (1898-1959), pintor suíço e pai da escritora Corinne Bille, comprara em 1935 uma pequena quinta, a Quinta da Fonte, em Albarraque, perto de Sintra, que vendeu em 1945. Em 5.5.1941 Bille escreveu à sua filha, relatando uma visita de AS (vide S. Corinne Bille, *Edmond et Catherine Bille. Correspondance 1923-1958*, Cossonay, Plaisir de Lire, 1995: 343). AS escreveu um artigo sobre uma exposição de pinturas de Bille essencialmente com motivos campestres portugueses (o artigo não chegou a ser publicado).

Regressada do Congo em 30.3.1942, ficou em Lisboa, de onde partiu para Madrid em 23.5. Nessas semanas lisboetas escreveu uma série de artigos sobre Portugal, a maioria dos quais chegou a ser publicada em jornais helvéticos. Era, aliás, intenção de AS tornar-se correspondente desses jornais em Lisboa. O próprio ministro Martin interessou-se pelo caso e numa carta de recomendação ao Dr. Weibel, do jornal *Neue Zürcher Zeitung* (NZZ), louvando as qualidades jornalísticas de AS, pode ler-se:

Je tiens à Vous dire que j'ai été très satisfait de tout ce qu'elle a écrit. Avec son talent de description, son goût pour les problèmes sociaux, son don aigu d'observation, son sens de la politique internationale et son flair dans les interviews. [...] En outre, elle ne manque jamais d'aller puiser aux meilleurs sources et de se procurer des introductions si elle ne les connaît pas. (ALS)

Percebe-se bem quais as fontes a que Martin se refere, nomeadamente as oficiais, como se verá adiante.

Nas cartas de 23.6.42 e 7.7.42, Martin regozijou-se com a ideia de AS poder vir a ser correspondente em Lisboa. Escreveu também à mãe da escritora, louvando as actividades jornalísticas da filha e informando que a apresentou a um grande jornal lisboeta e ao Dr. António Ferro. O ministro escreve ainda que AS lhe parece estar mais alegre, que não pensa senão na sua actividade literária, acrescentando: “et semble avoir retrouvé non seulement son équilibre, mais elle même”. Ele dá-se conta da evolução da escritora, sobretudo comparando com a fragilizada AS que encontrara um ano antes. Escreve várias cartas a AS, entusiasmando-a e referindo-se aos diferentes artigos entretanto já publicados e manifestando o seu empenho para que ela pudesse vir a ocupar o cargo de correspondente.

António Ferro escreveu ao ministro suíço relativamente à visita de AS:

Veillez croire que j'ai été enchanté de recevoir et de connaître Madame Clarac, qui est une personne remarquablement intelligente et cultivée [...] Je serai donc ravi de la recevoir à son tour, car je pense que les relations culturelles et touristiques, entre nos deux pays, ne pourrait que s'intensifier par l'intermédiaire d'une collaboratrice aussi distinguée. (ALS)

AS escreveu a Karl von Schumacher, do semanário *Die Weltwoche*, em 30.8.42, enviando-lhe também uma cópia da carta de Henri Martin ao Dr. Weibel, sugerindo que acumulasse com Madrid e Rabat (o marido está lá colocado), sugerindo que duas visitas por ano a Lisboa deveriam ser suficientes para um correspondente na capital portuguesa:

Ich sehe daraus, dass Herr Martin, wie übrigens besonders auch Herr Antonio [sic] Ferro, Directeur de la Propagande Nationale, sich lebhaft dafür einsetzen, dass ein Korrespondent der Schweizer Blätter nach Lissabon geschickt wird. Ich würde mich natürlich freuen, wenn die Wahl auf mich fiel.

[Vejo nela [na carta de Martin ao NZZ] que o Sr. Martin, e muito em especial o Sr. António Ferro, director da Propaganda Nacional, se empenham vivamente em que seja enviado um correspondente dos jornais suíços para Lisboa. Ficaria naturalmente muito contente se a escolha recaísse em mim.]

As esperanças eram grandes, pois em 2.9.42 escreve a Klaus Mann, dizendo-lhe que aproximadamente seis semanas depois iria para Lisboa, caso se chegasse a um acordo (AS 1993: 189). O irmão Alfred Schwarzenbach, que morava na altura em Nova Iorque, aconselha a irmã a aceitar um posto daquele tipo, porque lhe daria, por um lado, estabilidade e, por outro lado, não interferiria na escrita literária da irmã. Alfred toma uma posição bem diferente da da mãe, que tem uma atitude muito negativa face à escrita de AS.

Portugal tem, neste período de guerra, um papel muito importante para a Suíça essencialmente como fornecedor de matérias-primas

da Suíça, que tinha perdido os seus fornecedores habituais, e como base para a marinha mercante, também ligada às actividades da Cruz Vermelha.⁷⁴ Assim, se em 1940 aquele país tinha importado de Portugal mercadorias no valor de 16 milhões de francos, em 1941 esse valor subiu para 128 milhões e em 1942 para 141 milhões. A importância de Lisboa para o aprovisionamento levou a Suíça a alugar uma frota de navios perfazendo cerca de 140.000 toneladas. A Suíça alugara navios gregos, jugoslavos, espanhóis, para navegar sob bandeira helvética, o que lhes permitia uma navegação mais segura, nomeadamente no Mediterrâneo. Os portos de Lisboa e de Leixões foram essenciais para o armazenamento dos produtos portugueses, das Áfricas e das Américas, em trânsito para a Suíça. Também foram utilizados os portos de Setúbal, Portimão, Funchal, Ilha do Sal, Luanda, Lobito, Lourenço Marques e Beira. (vd. de Fischer 1960: 322-3)⁷⁵. A Suíça importava muitos produtos do ultramar, como café, cacau, algodão, lã, couro, mas também vinhos (de Fischer escreve que os suíços beberam 4/5 do vinho português exportado! (de Fischer 1960: 303)), zinco, cobre e volfrâmio. O exército helvético adquiriu cavalos e mulas lusitanas! Por causa dessa importância, as autoridades enviaram para Lisboa um comissário dos transportes marítimos (o Sr. Paul Bärlocher) e outro dos transportes terrestres (o Sr. Armand Bourgnon), encarregados de gerir o transporte das mercadorias por barco, via Marselha e Génova, ou por comboio

⁷⁴ A prova da boa relação entre os dois países foi o convite feito pelo governo a Louis Gonzague de Reynold (1880-1970), em 1935. Em 5 de Dezembro desse ano Reynold proferiu uma lição na Academia das Ciências, sob o título “L’Europe tragique”. Em 1936 publica o livro *Le Portugal*, que mereceu o Prémio Camões, livro pouco crítico face ao regime salazarista. O governo convidou também o jornalista Hans Hartmann, a que me refirei mais tarde.

⁷⁵ Béat de Fischer, embaixador da Suíça nos anos cinquenta, publicou em 1960 um extenso livro sobre as relações luso-suíças. Curiosamente nele não figura o nome de AS, apesar dos mais de 20 artigos publicados sobre Portugal na imprensa helvética, contrariamente ao nome de outro jornalista Hans Hartmann, a que me referirei mais tarde, e que esteve em Portugal em 1942, pouco depois de AS. Tal facto poder-se-á dever à circunstância de o nome de AS não figurar nos relatórios gerais enviados pelo Ministro Martin, contrariamente à presença em Portugal de outros jornalistas daquele país (pelo menos naquele relatório a que tive acesso nos Arquivos em Berna).

(esses combóios chamavam-se “blocs”) através da Espanha e da França, que partiam três vezes por semana (cf. Hirzel 1974: 17; de Fischer 1960: 304). Era preciso contornar o controlo exercido pelos ingleses com o seu bloqueio, o que obrigava a negociar os “navicerts” e os “andcerts” com as autoridades inglesas, quer em Londres quer em Lisboa. Os portos portugueses foram também palco da troca de pessoal oficial das embaixadas e instituições dos países bilagerantes, tendo a primeira tido lugar em Abril de 1942 (a que AS se refere em “Diplomatenaustausch” [Intercâmbio de diplomatas em Lisboa]), seguindo-se outras duas em Junho e Julho do mesmo ano, em Lourenço Marques. Estes transportes eram sempre acompanhados de cidadãos suíços nomeados por Berna (*vide* de Fischer, 1960: 341). Como se pode ler num artigo do jornal *Luzerner Tagblatt* “Die schweizer. Lastwagenkolonne zur portugiesischen Grenze” [A coluna suíça de camiões para a fronteira portuguesa] (16.8), o transporte terrestre também se fazia por camião já em 1941. O mesmo jornal publica em 14.10.1941 uma pequena notícia com o título “Der Camiondienst Portugal-Frankreich” [O serviço de camionagem entre Portugal-França].

Outro campo onde as relações luso-helvéticas tiveram uma grande importância relacionava-se com a Cruz Vermelha Internacional, sediada em Genebra. O presidente dessa instituição, o Professor Carl Burckhardt visitou Portugal em 1943 e teceu grandes louvores a Portugal pela colaboração dada, havendo entre os dois países “um sentimento especial de profunda simpatia e solidariedade humanas” (*apud* Hirzel 1974: 19) AS escreveu dois artigos sobre as actividades da Cruz Vermelha em Portugal.

A imprensa suíça dá um grande relevo a Portugal neste período, publicando vários artigos focando a realidade política, mas também aspectos turísticos e notícias de carácter geral, como notícias sobre um incêndio, sobre actividades culturais, etc. Um tema comum é, evidentemente, o relacionamento entre os dois países, salientando-se mais os pontos comuns do que as divergências.

AS, além de escrever sobre os transportes terrestres e marítimos entre os dois países, fotografa diferentes embarcações sob pavilhão suíço, nomeadamente o “Calanda”, a bordo do qual houve uma recepção em 4.5.41 (*vide* notícia no DN de 7.5.41). No Arquivo Literário Suíço há mais de 50 negativos seus ligados ao porto de Lisboa, entre muitas outras fotografias da capital, como, por exemplo, a “Cosinha [*sic*] Económica Israelita”, o mercado, a Avenida da Liberdade, os engraxadores. Algumas fotografias relacionadas com o aprovisionamento suíço no porto de Lisboa foram publicadas juntamente com os artigos sobre aquela temática.

Mas que Lisboa é esta, ou melhor, que Lisboa conheceu AS?

Havia a Lisboa ponto/e de passagem de emigrantes a caminho sobretudo dos EUA, dos que esperavam por um lugar num navio da “American Export Line” (também objecto de fotografias de AS). Havia a Lisboa dos judeus europeus. E havia também a Lisboa da incerteza, do medo, do desconforto, da penúria. O jornalista Eugen Tillinger escreveu:

Lisboa está esgotada [...]: os hotéis estão superlotados, já se alugam casas de banho e se estendem colchões nos corredores. Os cafés e restaurantes estão a abarrotar (*apud* Martins 1994: 41-2).

Era o paraíso triste, como lhe chamou Saint-Exupéry, onde as pessoas estavam “sem vontade nem tempo para apreciar as vistas” (Martins 1994: 17). Erika Mann vê Lisboa como um “Flüchtlingslager” [campo de refugiados] (*in* “In Lissabon gestrandet”, escrito em 1940) e um articulista do *Luzerner Tagblatt* (H.N.) fala do maior “Menschen-Umschlagplatz” [ponto de transbordo de pessoas] (“Heiteres Portugal II. Menschen-Umschlaghafen”, 8.2.1941).

AS tinha agora tempo para apreciar as vistas, não sentia na pele as dificuldades existenciais dos estrangeiros em Lisboa e dos próprios lisboetas. Os textos que escreveu sobre a capital portuguesa contrastam com os de autores a caminho do exílio que passaram

por Lisboa a caminho dos EUA, como, por exemplo Alfred Döblin, mas também com as suas reportagens muito críticas sobre alguns aspectos sociais nos EUA, que escrevera anos antes.

Torna-se por isso necessário entender este “novo” olhar de AS. Para tal será útil analisarmos alguns dos artigos sobre ou relacionados com Portugal (foram publicados mais de 30). Os artigos citados encontram-se no Arquivo Literário Suíço, em Berna. O primeiro artigo tem o título “Passagiere nach Lissabon” (7.3.1941)⁷⁶: relata a viagem de Nova Iorque para Lisboa, interessando-se sobretudo pelos destinos dos outros passageiros neste tempo de guerra. O segundo artigo, “Das Rote Kreuz in Lissabon” [A Cruz Vermelha em Lisboa], de Fevereiro de 1941, refere-se às dificuldades da Cruz Vermelha, cuja representação em Lisboa aumentou com o avolumar das actividades bélicas, sobretudo para encaminhar pacotes de comida e roupa oriundos dos EUA e do Canadá para as regiões necessitadas na Europa. Trata-se de um artigo meramente factual, baseado nas informações que lhe foram dadas pela própria Cruz Vermelha. Voltará a este tema com um segundo artigo, publicado um mês depois. Interessada como está pelas relações entre a Suíça e Portugal, segue a evolução da marinha suíça, criada durante a guerra para servir quer o transporte de mercadorias para o abastecimento do país (como país neutro, os seus navios corriam menos perigos) quer para servir os interesses da Cruz Vermelha. Assim AS publica na revista *Schweizer Illustrierte*, de 26.3.1941, um pequeno artigo sobre a frota suíça em Lisboa, com sete fotografias, também de sua autoria (“Die Schweizer-Flotte im Hafen von Lissabon” [A frota suíça no porto de Lisboa]).

Mais importante para nós é o artigo “Lissabon. Neues Leben in einer alten Stadt” [Lisboa. Nova vida uma cidade antiga]. Além duma descrição global de Lisboa, cidade marcada pelo terramoto de 1755, das vistas, com as suas ruas empedradas, as escadarias, as

⁷⁶ Em 22.3.1941 é publicado no *Luzerner Tagblatt* um artigo intitulado “Heimfahrt aus Amerika” sobre a mesma viagem, onde Lisboa só aparece como um porto de transição.

igrejas barrocas, as lojas de vinhos, os monumentos, características que ligam a cidade ao passado. Fala da “Lebensfreude”, um aspecto que contraria a visão de outros viajantes, sobretudo aqueles para quem a estada em Lisboa está ligada a aspectos existenciais. Não deixou de sentir o papel de Lisboa naquele tempo como a “grande sala de espera da Europa” [das grosse Wartesaal Europas]. Refere também a “brisa marítima, a alegria da luz do sol” [frische Meerbrise, Heiterkeit des Sonnenlichts]. A este propósito, comparou a partida dos barcos de então com as da época das descobertas. Mas todo este frenesim não tirava o carácter à cidade, “à velha e sonhadora Lisboa»” [alte und träumende Lissabon], uma cidade que tem muitos paralelos com outras cidades portuárias [“[...] hat sie Ähnlichkeit mit den Städten meerfahrender Völker aller Zeiten [...]”]. O porto está contudo mal apetrechado para todo o movimento que lhe coube dada a sua posição como o último posto na Europa ocidental. A autora aproveita para questionar a evolução da humanidade. De facto, conseguiram-se conquistas técnicas de relevo, como a aviação, mas, ao mesmo tempo, essas conquistas servem para destruir a humanidade. Aqui pergunta-se com Kafka se uma vida inteira é suficiente para chegar à aldeia mais próxima, remetendo para o pequeno texto “Das nächste Dorf” [A aldeia mais próxima] do autor austro-checo. O lado pessoal neste artigo é o longo relato do encontro com o Director da Cruz Vermelha, irmão de um conhecido da autora. Neste artigo, AS une o factual com as suas vivências lisboetas pessoais.

Muitas das imagens que AS utiliza na sua representação de Lisboa coincidem com as de outros viajantes, o que é natural, pois todos são levados a ver os mesmos sítios e são influenciados por imagens correntes, estereotipadas, provenientes doutras leituras ou dos informantes. Aparecem temas recorrentes: a história, o oceano, o porto, a emigração, as ligações com a Suíça. Por vezes, ronda o cliché, o que é natural, uma vez que utiliza fontes que a “dirigem” (o que acontece também com outros!). Ao lermos hoje estes textos, temos que os situar naquela época e sobretudo ter em conta que eram destinados

a leitores suíços. Ao lermos reportagens de hoje, encontramos não poucas vezes imagens semelhantes. O olhar “outro” é condicionado pelas fontes, orais ou escritas, que estão à disposição dos viajantes.

No artigo, “Offener Himmel über Lissabon” [Céu aberto sobre Lisboa], detectamos a mesma estrutura: algumas frases descritivas sobre Lisboa e o papel do oceano no presente, tal como fora no passado, na época das descobertas, para depois passar a factos mais objectivos, neste caso, ligados à Suíça e à importância da capital portuguesa para o abastecimento helvético. Seguem-se referências ao céu, à luz suave – motivos recorrentes nas descrições lisboetas de AS – e também ao facto de Portugal viver de costas voltadas para Espanha (“Rücken gegen Spanien”). Não se pode comparar Lisboa a outras cidades, pois está adormecida [“in Schlaf gesunken”], fora de moda [“altmodisch”]. É uma cidade pictórica [“malerisch”]. É a capital de um país governado por Salazar, que na sua opinião, não era um ditador, mas aquele que evitou democraticamente a ditadura [“[...] unter dem demokratischen, jedoch autoritären und weisen Regime von Salazar, den man keinen “Diktator” sondern eher einen “demokratischen Vermeider der Diktatur” nennen kann”]. AS parece não querer responsabilizar por esse juízo: a utilização de “man” remete o sujeito dessa valorização para uma voz colectiva anónima. Além disso, marca o seu discurso com aspas, sinalizando que está a citar. O final do artigo reflecte claramente o discurso oficial da época.

AS tinha uma relação muito positiva com Lisboa. Nenhuma cidade a recebera tão bem, escreveu em “Rückkehr nach Lissabon” [Von allen Städten, die ich kenne, hat mich, als ich sie zum ersten Mal betrat, keine so gut empfangen wie Lissabon]. Já estivera em Lisboa, de passagem para a América. Agora aprecia a cidade quase esquecida pela história, isto é, à margem da guerra que está a destruir o velho continente. Lisboa é sobretudo uma cidade onde se chega para partir o mais rapidamente possível, para se chegar aos EUA. Antes da guerra nunca pensara em vir a Lisboa, a “sua conquista” do mundo tinha

outros portos de partida, mais centrais, e também outros interesses. Descobre Lisboa devido às circunstâncias políticas. Depois da emoção da entrada de barco pelo Tejo, a articulista passa a descrever o entusiasmo ao subir as velhas calçadas, o facto de poder comprar um jornal suíço a um ardina, mas também a beleza do mercado com a enorme variedade de cores. É interessante reparar nos verbos que antecedem as “listagens” do que se lhe é dado ver: “ich erblickte”, “ich lernte kennen”, “ch vernahm”, “ich sah”. Numa construção assindética, a “reportadora” refere, sem pausas, diferentes aspectos da paisagem lisboeta, tal como ela se lhe vai desenrolando perante os olhos. Isto é, a apropriação subjectiva (marcada pela utilização recorrente da primeira pessoa do singular) da cidade ganha um papel importante, a ligação do objectivo ao subjectivo permite que o discurso se torne mais singular e, simultaneamente, que a qualidade literária dos textos aumente. Estoril e Sintra são dois locais que a entusiasmarão, pois lhe permitiam ser transportada pelo sonho. “Nach wenigen Wochen war ich vom Gefühl wie berauscht, ein Europäer zu sein” [Depois de algumas semanas, fiquei dominada pelo sentimento de ser uma europeia].

O mesmo tipo de vivência da paisagem pode-se detectar em “Atempause in Estoril” [Pausa no Estoril para recobrar alento]. Depois de referir o lado “elegante” da vida social de Estoril (o golfe, o casino), o olhar é subjugado pela paisagem, pela visão do rio e do oceano. O olhar do leitor é dirigido com expressões deícticas (à direita, à esquerda, lá fora). O encontro com a paisagem permite sonhar. Isto mesmo quando ela não deixa de ser perturbada pelo frenesim do porto e pelos ecos da guerra, ainda que ensurdecedor [“ohrenbetäubend”].

Um texto pictoricamente muito belo é aquele que descreve a partida dos bacalhoeiros (“Die Weihe der Schiffe” [A bênção dos barcos]), onde se nota uma grande sensibilidade face ao problema social dos pescadores no tempo em que estavam em terra. As informações factuais parecem tiradas de uma brochura, o que se nota pela

utilização de uma citação em francês (“Pêcheurs de la morue”). Mas deve ter tido outras fontes de informação, nomeadamente quanto à vida dos pescadores em terra, onde não se conseguem fixar, marcada pelo tédio, contrariamente à vida a bordo. Alguns tornam-se pescadores não por vocação, mas por necessidade de arranjar trabalho, num mercado com poucas hipóteses.

Die meisten kamen freiwillig, weil ihre Taschen leer waren, weil sie des sinnlosen Kreislaufs der Stadt müde, sogar des Geschmacks des Weines, und des frischweissen Brotes, überdrüssig waren.

[A maior parte deles [os marinheiros] vinham de livre vontade, porque os seus bolsos estavam vazios, porque estavam cansados de andar às voltas sem sentido pela cidade, cansados até do sabor do vinho e do pão branco fresco.]

Numa linguagem muito pictórica, o olhar é dirigido sobretudo para os marinheiros, para o seu sentir, o seu vazio enquanto em terra. No ALS encontram-se muitas fotografias com este motivo (normalmente com legendas no verso), incluindo algumas do belo veleiro “José Alberto”, aguardando a benção do bispo, antes de partir para mais uma época pesqueira.

Durante a viagem para o Congo a bordo do navio “Colonial”, escreveu alguns artigos de carácter meramente factual sobre São Tomé e a cidade do Funchal (“Funchal”, “Äquator” e “Schiffs-Tagebuch”), sobre o que voltará a escrever no ano seguinte (“Kleine Weltreise ...”).

Em 1942 regressou a Portugal a bordo do navio “Quanza”, o que lhe permitiu recordar a chegada a Lisboa por via marítima. Enquanto todos queriam virar costas à Europa e mudar de continente, AS queria voltar, ela que desde as suas viagens ao Médio-Oriente sempre se mostrou tão ligada ao velho continente.

Os artigos de 1942 manifestam um outro espírito: já não é a AS quebrada que regressa dos EUA, para encontrar com alguma sofre-

guidão um pequeno “paraíso” provisório, agora é uma viajante que aprendeu, em África, a estar sozinha, a aceitar-se, mais calma. Por outro lado, é o regresso ao conhecido e com perspectivas claras: a de querer ser correspondente de jornais suíços em Portugal. Assim os artigos “respiram” um ar diferente dos primeiros, apesar de muitos temas se repetirem.

“Wiedersehen mit Portugal” [Portugal revisitado] é o artigo em que nos dá conta do reencontro com o velho continente, é o retomar de velhos temas conhecidos, com a calma e o fascínio do reconhecimento: a Lisboa primaveril, o Tejo argênteo [“Silberfläche”]. Para AS, a lembrança era algo de muito importante, pois para nos reencontrarmos temos de nos lembrar de algo conhecido, tal como num espelho [“Wir müssen uns, um uns wiederzufinden, an etwas Verwandtes und Vertrautes erinnern, so wie man in einem Spiegel schaut”], só assim recuperando o próprio Eu, que, como AS diz, nunca é completamente o nosso Eu em paisagens muito outras [“in sehr fremden Landschaften”]. Por isso visitava várias vezes os mesmos sítios, para os tornar “seus”, para os interiorizar, apropriar. Fez isso no Médio Oriente, nos EUA e, agora, em Portugal. Aqui encontrou essa memória europeia, que fez com que não se sentisse como uma estranha. Quanto à história de Portugal, é vista quase como um símbolo da vida dos europeus [“fast ein Sinnbild des Lebens der europäischen Menschheit”]. Mas enquanto a Europa se ia destruindo, aqui tudo lhe surgia como suave e alegre [“mild”, “fröhlich”]. A mesma caracterização adjectival repete-se em “Sonniges, herbes Portugal” [Soalheiro e agreste Portugal]. Neste texto, aproveitou a descrição de uma tempestade para tecer mais um louvor ao país. O artigo começa com uma canção de Coimbra, que serve para introduzir a figura do professor de Coimbra, Salazar, chefe de “um governo de professores ou de uma ditadura de intelectuais”, e isso são títulos onoríficos [Man hat das Regime Dr. Salazars eine Regierung der Professoren, oder eine Diktatur der Intellektuellen genannt, und es sind Ruhmestitel]. Nota-se aqui de novo o refúgio

na voz colectiva através da utilização de “man”, um escudar-se numa voz-outra. Uma vez feita esta referência, surge de novo o “idílio” lisboeta e o fado que lhe transmitia uma “profunda tristeza” [eine tiefe Trauer] e a inevitável referência à “saudade”. A suavidade da paisagem desta “varanda da Europa” [Balkon Europas] contrasta com a vida, por vezes dura, pois os camponeses nunca usufruíram da riqueza do país, nem na época mais gloriosa da história portuguesa. Para eles parecia que o tempo não passara. A paisagem é composta pelos bois, pelo sol, pelas quintas, pelos mercados – a paisagem aparece contrastada com a descrição do céu ora calmo ora turbulento. O olhar é levado pelo vento a diferentes sítios, aos rebanhos perto de Estoril, ao viaduto, às cidadelas de origem árabe, aos castelos dos reis vindos do Norte para conquistarem Lisboa, à Torre de Belém, às touradas portuguesas. Portugal é um país de contrastes quer geográficos quer sociais. Aos aspectos majestosos junta-se a pobreza e a resignação que ela detecta no povo (ou através dos seus informadores). O olhar de AS é solitário e melancólico, transmitindo às suas descrições estas características.

É curioso notar que AS agora já se refere ao Tejo, enquanto nos textos anteriores aparecia a designação “Tajo”, o que poderá indiciar um maior conhecimento da realidade portuguesa.

A partir de um passeio de autocarro até Albarraque, perto de Sintra, onde morava o pintor e amigo Edmond Bille, pai da escritora Corinne Bille, escreveu o artigo “Spaziergang in Portugal”. O texto começa com a descrição do céu, da lua, do mar que a fazia sonhar:

Morgens um sieben Uhr steht die Mondsichel noch über dem blassen, grauen, träumenden Meer, und der Himmel befreit sich erst langsam aus dem Mantel der Nachtbläue.

[De manhã, pelas sete horas, a lua em quarto crescente ainda está sobre o mar pálido, cinzento e sonhador o céu começa vagarosamente a despir o manto do azul nocturno.]

A paisagem vai correndo à medida que o autocarro vai andando. Cada momento não ultrapassa, geralmente, as duas ou três linhas. Também aqui parece que entrou num mundo fora do tempo e das fronteiras: “[...] die Schwelle einer zeitlosen, an keine Grenze gebundenen Welt”. As imagens da alegria dos ventos [“Fröhlichkeit des Windes”] e da calma [“fast feierliche Stille”] voltam a surgir, ao lado do pitoresco, os moinhos, os campos, os muros, as muitas paragens nas diferentes aldeias no percurso, permitindo apreender um gato, um cliente a beber aguardente (em português no texto), a vida pacífica dos pobres camponeses. O céu é cortado por três aviões – a contrastar com a visão de um carro de bois. Tudo isto leva-a a perguntar-se: “O que é que precisamos para a vida?” [Was brauchen wir zum Leben?]. Só encontrou esta resposta: “E eu também cantei ...” [Und ich sang auch ...].

Para além destes artigos “impressionistas”, AS escreveu artigos jornalísticos de carácter essencialmente informativo e objectivo, limitando-se a aspectos factuais, por exemplo sobre o sistema de transportes entre Portugal e o seu país de origem, com as dificuldades inerentes à falta de carvão e à necessidade de recorrer à madeira, que muitas vezes tinha de vir de cada vez mais longe das linhas férreas ou ainda sobre a Cruz Vermelha e o movimento de diplomatas em Lisboa. Estes artigos têm um interesse sobretudo documental e jornalístico pela informação que nos transmite sobre algumas situações menos conhecidas daqueles tempos.

Surpreendente são os artigos sobre a Mocidade Portuguesa (MP), tendo em conta o passado anti-fascista da autora. Surpreendem pelo tom laudatório, que corresponde aliás aos louvores que já tecera sobre Salazar em alguns textos. Segundo a articulista, o amor pela juventude era uma virtude de Salazar e a MP testemunhava isso da melhor maneira. No fundo é um espírito humano e cristão que está na base do “estado corporativo” daquele estadista. Em “Die Jugend Portugals” [A juventude de Portugal] lê-se que Salazar sempre defendeu que a estrutura política devia estar ao serviço da

sociedade. Neste estado aparentemente tão humanista, é evidente a importância dada à educação da juventude. Nos discursos de Marcelo Caetano aparece muitas vezes a expressão “hommes de caractère” (a inclusão da citação em francês no texto alemão indicia as fontes utilizadas por AS, nomeadamente material de propaganda; e junta também fotografias cedidas pelo Arquivo Fotográfico da Mocidade Portuguesa).⁷⁷ Assim, segundo AS, a MP serve para a formação de homens e mulheres com carácter: preparar cidadãos “responsáveis, com espírito de sacrifício, pensando e agindo solidariamente” [verantwortlich, opferbereit, solidarisch denkend und handelnd]. Termina com as seguintes palavras, claramente tiradas da fonte: a juventude será digna dos seus dirigentes [“ihrer Führer würdig”]. Ideias semelhantes surgem no artigo “Nationale Jugend in Portugal” [A juventude nacional em Portugal], acompanhado de uma fotografia expressamente cedida pela “Propaganda Nacional”, como AS tem o cuidado de indicar, e em dois artigos não publicados que dedicou à Mocidade Portuguesa Feminina: “Das Beispiel der Weiblichen Jugend in Portugal” [A juventude feminina em Portugal] e “Junge Portugiesinnen in Uniform” [Jovens portuguesas em uniforme]. A MP resulta da “revolução nacional”, baseia-se nas tradições cristãs e históricas do país, enfim um exemplo para outros países. Nestes artigos sobre a MP, pouco mais temos do que a reprodução do discurso oficial, recebido de um modo totalmente acrítico por AS, tal como em relação ao papel de Salazar e Caetano.

Desta passagem pelos artigos de AS sobre Portugal podemos registar duas características principais:

- o entusiasmo pelo Portugal vivido pela autora, que encontra expressão numa aproximação estética, onde o objecto descrito é marcado por uma visão subjectiva, com uma linguagem que por vezes se aproxima do tom encomiástico;

⁷⁷ Irene Flunser Pimentel refere no seu livro *Histórias das Organizações Femininas do Estado Novo* um artigo de AS, publicado em 12.7.1942 no *Schweizer Illustrierte Zeitung*. Pimentel refere também uma reunião com a Condessa de Penha Garcia, tida em 30.4.1942, “para se informar sobre a MPF” (Pimentel 2001: 371).

- este entusiasmo, justificado também por algumas experiências vivenciais (o bom acolhimento, o conseguir publicar os seus artigos, o apoio de Martin e de outras pessoas com quem contacta e que a convidam, como refere na carta a Anignia Godli), transmite-se ao que lhe é dado ver pelas suas fontes, geralmente próximas da perspectiva do regime;
- a visão de AS sobre Lisboa é pessoal, aquilo que selecciona ou que é levada a seleccionar tem a ver essencialmente com a *sua* Lisboa, que representa para ela a Europa, a que se sente intimamente relacionada.
- tal como nos relatos de viagem ao Médio Oriente, AS está sempre em fuga, em movimento, sem tempo para parar. Esta atitude começa a modificar-se sobretudo em 1942.

Quanto aos artigos meramente informativos, ela canaliza sobretudo informação que lhe é veiculada pelas fontes que consulta. Nos artigos com maior carga subjectiva, AS não deixa de veicular o seu entusiasmo, por vezes ingénuo. Poder-se-á melhor compreender essa visão comparando com a de outros viajantes estrangeiros naquele período. Na impossibilidade de fazer isso aqui de modo sistemático, limitar-me-ei a referir dois jornais suíços, que deram bastante espaço a textos sobre Portugal. Outros jornais publicaram textos de AS, o que pode levar a pressupor que também estavam abertos a contributos de outros jornalistas, sobretudo *freelancers*. O interesse por Portugal era grande na Suíça, por ser um país oficialmente neutro e extremamente útil para os helvéticos, sobretudo pela importância do porto de Lisboa, principal base para a marinha mercante do país, criada pelas necessidades provocadas pela guerra, mas também como grande fornecedor de produtos essenciais. Em Lisboa trabalham muitos suíços, ligados à Cruz Vermelha Internacional, mas também ligados aos transportes marítimos e terrestres. Encontramos textos informativos de carácter essencialmente factual, focando aspectos da realidade portuguesa, do turismo e das relações luso-helvéticas.

Começarei com o mais conceituado jornal, o *Neue Zürcher Zeitung*, de que referirei apenas alguns artigos, sem pretender qualquer tipo de exaustividade. Para este jornal a imprensa suíça tem a obrigação de servir os interesses do país. A importância da informação

é crucial, mas deve ser rigorosamente neutra, mesmo que isso possa incomodar os apoiantes de um ou do outro lado. O jornal não deve veicular tomadas de posição de nenhum dos grupos em conflito. É este jogo de equilíbrio a que o jornal se sente obrigado. (*vide* “Die schweizerische Presse in der Kriegszeit”, 17.1.1941 [A imprensa suíça em tempos de guerra]). Na edição de 22.9 de 1940 é publicado um artigo, assinado por E.Z. com o título “Eindrücke aus Portugal” [Impressões sobre Portugal]. O país parece-lhe “ein Land des Überflusses, der Ordnung und der Reinlichkeit” [um país da abundância, da ordem e da limpeza], apesar da dificuldade em arranjar um quarto onde ficar. A capital portuguesa parece-lhe uma “Flüsterzentrale” [central do segredar], onde se ouvem todas as línguas. Não há lugar para grandes pressas, tudo tem o seu ritmo e leva o seu tempo, neste país com uma “totalitäre Staatsführung” [uma direcção totalitária do Estado], que o estrangeiro mal nota. Em 25.10 do mesmo ano uma notícia dá conta da vida cultural lisboeta: “Theater und Musik in Lissabon” [Teatro e música em Lisboa]. Uma notícia destas só é relevante se houver interesse no círculo de leitores do jornal: isto aponta para a importância de Lisboa nos meios suíços. Mas vou-me ficar por uma série de artigos publicados por aquele jornal escritos pelo Dr. Hans Walter Hartmann, nascido em 1905 e doutorado em História em 1930 (portanto com um trajecto paralelo ao de AS). Em 1926 frequentou o curso livre de Português na Universidade de Coimbra. Posteriormente foi convidado para acompanhar o Presidente Carmona às colónias. Esteve em Portugal de novo em 1942, a convite de António Ferro, e escreveu pelo menos onze artigos. Sob o título genérico “Portugal zwischen den kriegsführenden Mächten” [Portugal entre as potências bélicas], escreve oito artigos, cujos títulos já nos informam da sua posição:

28.5. – “Erste Eindrücke” [Primeiras Impressões] – onde refere que mal se nota a guerra, onde nada parece faltar, apesar dos preços serem muito altos; nota o grande movimento de barcos de guerra sob as mais diferentes bandeiras; refere ainda que muitos canteiros públicos ficaram sem flores

para servirem à plantação de batatas; refere ainda que o povo é mais favorável à Inglaterra do que à Alemanha ou à Itália;

4.6. – “Audienz bei General Carmona” [Audiência com o General Carmona] onde descreve a chegada a Belém, a conversa que teve com o General e, importante para os seus leitores contemporâneos, explica o sistema português, com o poder militar, ligado a Carmona, intimamente ligado ao poder moral, ligado a Salazar;

11.6. – “Nationale Propaganda” [Propaganda Nacional] – refere os jornais como tendo poucas diferenças entre si e a tendência geral de se refugiar no passado glorioso do país; Hartmann percebe a necessidade da censura, para evitar o caos que antecederia o actual regime e refere também o papel de António Ferro, de quem aparece uma fotografia no jornal;

18.6. – “Der Kardinal-Patriarch” [O Cardeal-Patriarca] – refere o encontro com o cardeal, que fora seu professor em Coimbra, e explica as questões ligadas às relações entre a Igreja e o estado;

28.6. – “Die auswärtige Politik” [A política externa] – aqui justifica a política de neutralidade, virada para o Atlântico e para as colónias;

5.7. – “Die Kolonialpolitik” [A política colonial] – refere os problemas levantados pelo bloqueio britânico, que causava dificuldades à navegação entre Portugal e as colónias;

26.7. e 30.7. – “Salazar” reportando-se a uma entrevista de meia-hora (apesar de só estarem previstos cinco minutos), apresenta as linhas fundamentais da política de Salazar; vê o chefe do Estado como um ditador e justifica a necessidade de uma tal política pelo caos que antecedeu o actual regime. Hartmann apresenta também as diferenças deste regime autoritário com os da Alemanha e da Itália: o ponto comum é a luta contra o comunismo. Salazar quer salvar Portugal da crise espiritual que grassa na Europa). Hartmann apresenta a política salazarista.

Hartmann escreve ainda um artigo sobre Coimbra (“Coimbra, die Universitätsstadt Portugals” [Coimbra, a cidade universitária de Portugal] (7.6.42)), outro sobre o Vinho do Porto (“Portwein” [O Vinho do Porto] (21.6)) e ainda um sobre as relações luso-helvéticas (“Portugal und die Schweiz” [Portugal e a Suíça] (12.7)), tema comum a AS e onde se foca os suíços que agora moram em Lisboa e que têm a seu cargo novas tarefas neste tempo de guerra, falando dos comissários para os transportes e o aumento do pessoal

diplomático. A maior parte do artigo refere questões ligadas aos transportes, incluindo a necessidade de uma ligação aérea. Refere que a imprensa portuguesa se interessa muito pela Suíça, como, por exemplo, aquando da visita do ministro suíço, Henri Martin, ao Porto, no dia 1 de Agosto, dia nacional do país. Hartmann não deixa de referir, o que falta nos artigos de AS, a “Gegensätzlichkeit der Regime” [a oposição dos regimes], o que não impede a mútua compreensão e colaboração.

Fiel à política do jornal, Hartmann quer explicar aos leitores suíços a “verdade” sobre a ditadura portuguesa, baseada em princípios cristãos e humanistas. Defende para Portugal um regime que acharia impossível no seu país. Julgo ser também da sua responsabilidade um artigo com o título “Portugiesen”, também no jornal *NZZ* (2.8). Contém essencialmente citações sobre os portugueses: uma de Wilhelm Storck, tirada de *Luis’ de Camoens Leben*, outra de Hermann Lautensach e ainda uma de Wilhelm Schlegel. O articulista explica ainda a “saudade”, antes de citar pensamentos de Salazar em francês, utilizando uma tradução autorizada.

A mesma defesa de Portugal vê-se no jornal *Luzerner Tagblatt* de Lucerna. Este jornal publica muitas notícias sobre Portugal, relacionados com o transporte entre Portugal e a Suíça, muitas fotografias de barcos com bandeira helvética no Porto de Lisboa, mas também de relatos de viagens e até, por exemplo, a notícia de um incêndio florestal. Em 7 e 8.2.1941, H.N. descreve em dois artigos a sua viagem a Portugal. Salienta a amabilidade dos portugueses, a ausência de um clima de guerra e a administração moderna [“moderne Verwaltung”], que limita os direitos do indivíduo para salvaguardar o colectivo nacional. Aprecia poder comprar jornais suíços e nota que não há nenhuma livraria alemã. Fica fascinado pelos engraxadores da capital.

Este pequeno excurso pela imprensa suíça mostra que o regime de Salazar era visto como autoritário, mas humano. A imagem é geralmente muito positiva, apesar de não deixar de se referir alguns aspectos mais negativos no lado social, mas sem criticar o regime.

Não era de interesse nacional suíço dizer mal de um tão importante aliado. Neste sentido, os artigos de AS enquadram-se bem na política da imprensa suíça.

Como AS não falava português, estava dependente das fontes que lhe eram fornecidas. O curto espaço de tempo em que esteve em Portugal não lhe permitiu questioná-las, nem compará-las com outras a que poderia ter tido acesso numa visita mais prolongada. Martin proporcionou-lhe determinados contactos claramente conotados com o poder. As lutas sociais ou aspectos da oposição ao regime não encontram eco nestes textos, contrariamente ao que aconteceu com as reportagens americanas, com o apoio de Barbara Wright. O apoio agora é essencialmente de Martin.

Porquê esta viragem de AS, uma autora com “um comprometimento político à esquerda”, como nota Roger Perret (1987: 8)? O facto é que AS nunca foi estruturalmente de esquerda, foi muito marcada, isso sim, por um enorme desejo de justiça, por um espírito humanista, por um forte anti-nazismo, mas sem grandes cargas ideológicas. Nos artigos sobre Portugal, ela dá expressão àquilo que observa, entrega-se a fundo com todos os seus sentidos (*vd.* Perret 1987: 10). Mas o pano de fundo, o sistema político do país é-lhe “emprestado”, fornecido pelo próprio sistema, aparece como uma voz outra metida no meio do seu discurso, nem sempre com marcas de troca de registo. Se compararmos o estilo das passagens mais subjectivas da sua vivência portuguesa, verificamos que estas contrastam com a *secura* do discurso claramente informativo, que lhe é exterior.

Podem encontrar-se várias hipóteses para responder à questão. Uma delas é o facto de não ter conseguido perceber que o seu anti-nazismo não era coerente com o louvor ao salazarismo. Isto porque não teve tempo de o compreender, de o ver por trás da máscara que ela própria criou e de que necessitava naquele tempo como defesa. Por outro lado, AS tem agora uma visão diferente daquilo que quer escrever. Como escreve a Maillart, em 18.3.1942: “I want [...] to build up in each soul the resistance not only against Fascism,

but against all evil and “wrong life” which was brought it upon ...” (ALS). AS não percebe que o regime salazarista é também um regime ditatorial, ainda que não comparável com os da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini. Dada a sua fragilidade naquele momento, sobretudo em 1941, estava receptiva ao discurso idealista que encontrou em Portugal, onde aparentemente reinava a paz, a tolerância, enquanto a Europa se ia destruindo violentamente. Era fácil ficar-se pela máscara!

AS queria um lugar de correspondente, sem a ajuda de Martin nunca o conseguiria. Enquanto a esfera de influência dos Mann era forte, ela sentia-se apoiada, protegida. Quando esta esfera se esmorece, ela torna-se mais insegura, precisa do apoio de alguém. Nos EUA, ela tinha-se apoiado em Barbara Wright, em Portugal só tem praticamente Martin e o pintor Bille. Em 1941, estava a sair de uma grave crise, que a levou a ser expulsa dos EUA e precisava de calma para se recompor. Em 1942 continua a procura do que nunca encontrou. Mas com uma outra postura face à vida, após a sua experiência africana. Assim, mascarou Lisboa de idílio, daquilo que ela própria necessitava. Idílio, mesmo quando observava mais criticamente um ou outro aspecto da realidade portuguesa. A sua crítica centra-se sobretudo na questão dos refugiados em geral, ligando-se deste modo à temática anti-nazi de textos anteriores.

Mas, ao mesmo tempo, sentia a necessidade de escrever, actividade sem a qual não conseguia realizar-se. Por isso, aliava a visão do “apolítico” (o elemento “pictórico” da paisagem), o lado estilístico, à visão objectiva, exterior, útil nas suas pretensões profissionais, e conforme ao que os jornais suíços da época desejavam. Se estes aspectos biográficos – a necessidade de calma, a necessidade de uma máscara, mesmo que provisória, para esconder o medo e a insegurança e a vontade de obter um lugar de correspondente - podem constituir uma razão da sua atitude, não parecem, contudo, constituir os únicos motivos da mudança de atitude da autora.

Charles Linsmayer pergunta-se, referindo-se à experiência americana de AS, se o internamento nos EUA, onde AS foi verdadeiramente mal tratada, não lhe teria deixado profundas marcas, quebrado mesmo a sua personalidade (Linsmayer 1988: 218). Depois do internamento e do distanciamento dos amigos, nomeadamente dos Mann, da recusa da mãe em tê-la na Suíça, dos escândalos e das antigas posições anti-fascistas, ela sentia-se extremamente isolada. A esse facto deve acrescentar-se que se terá mantido “limpa” (i.e., sem drogas) durante o tempo em análise, o que representava simultaneamente uma luta contra si própria. Em 11.1.42, escreveu a Maillart, ainda de África: “Je sais être seule maintenant, et alors retrouver le monde sans perdre les nerfs.” (ALS) É uma atitude diferente da autora, que deixa de querer fugir permanentemente, que se começa a aceitar a si própria. Ao querer ver os aspectos positivos da alma humana, vê Lisboa através dos seus filtros, como autodefesa, sem se preocupar com os aspectos por trás da máscara, que ela não viu, nem estaria, na altura, possibilitada de ver. A experiência africana fez com que ela redescobrisse uma dimensão divina. A sua nova visão do mundo, mais calma e mais interiorizada, torna-a mais sensível a dimensões que ela apelida de cristãs naquilo que viu e idealizou em Portugal.

Através da escrita, AS realizava-se, mas ao mesmo tempo parecia anular-se, isto é, apagar um dos lados da sua personalidade, que lhe tinha permitido noutras fases da vida ver as coisas de um lado crítico, dentro da complexidade da situação que era objecto da sua observação. Se, por um lado, na esteticização encontramos a “velha” Annemarie, na apreciação política encontramos uma voz que não é a dela, mas as das fontes. Esta “conciliação” de perspectivas e de vozes ter-lhe-ia permitido atingir os objectivos do momento. Mas ao anular o seu lado crítico, via em Portugal uma máscara do paraíso que procurava, não queria destruir essa máscara precária com medo de que o seu frágil edifício se voltasse a desmoronar. Infelizmente a morte, em Novembro de 1942, impossibilitou a realização dos seus desejos. O verdadeiro Portugal, o do outro lado da máscara, esse, ela não teve tempo de descobrir.

Bibliografia

Allemann, Fritz (1942), "Das Denkmal einer Weltherrschaft", *Luzerner Tagblatt*, 28.11.

Anónimo (1941), "Die Schweizerische Presse in der Kriegszeit", *NZZ*, 17.1.

Anónimo (1942), "Portugiesen", *NZZ*, 2.8.

B. (1941), "Die schweizer. Lastwagenkolonne zur portugiesischen Grenze", *Luzerner Tagblatt*, 16.8.

De Fischer, Béat (1960), *Dialogue Luso-Suisse. Essai sur les relations Luso-Suissees à travers les siècles*, Lisboa.

E.Z. (1940), "Eindrücke aus Portugal", *NZZ*, 22.9.

Georgiadou, Areti (1995), "Das Leben zerfetzt sich mir in tausend Stücke". *Annemarie Schwarzenbach. Eine Biographie*, Frankfurt/Main u. New York, Campus.

Grente, Dominique/ Nicole Müller (1989), *L'Ange Inconsolable. Une biographie d'Annemarie Schwarzenbach*. Lieu Commun.

Hartmann, Hans (1942a), "Geschichte des spanischen und portugiesischen Volkes", *NZZ*, 24.3.

-- (1942b), "Coimbra. Die Universitätsstadt Portugals", *NZZ*, 7.6.

-- (1942c), "Portwein", *NZZ*, 21.6.

-- (1942d), "Portugal und die Schweiz", *NZZ*, 12.8.

-- (1942e), "Portugal zwischen den kriegsführenden Mächten", *NZZ*:

- "Erste Eindrücke" (28.5)

- "Audienz bei General Carmona" (4.6)

- "Nationale Propaganda" (11.6)

- "Der Kardinal-Patriarch" (18.6)

- "Die auswärtige Politik" (28.6)

- "Die Kolonialpolitik" (5.7)

- "Salazar I." (26.7)

- "Salazar II." (30.7)

H.N. (1941a), "Heiteres Portugal. Der Grenzbahnhof", *Luzerner Tagblatt*, 7.2.

-- (1941b), "Heiteres Portugal. Menschen-Umschlagshafen", *Luzerner Tagblatt*, 8.2.

Heller, Georges (1942), "Von Luzern nach Lissabon – in dieser Zeit !", *Luzerner Tagblatt*, 11.4, 16.5.

Hirzel, Werner (1974), *Le Portugal et la Suisse*, Copet, Fondation pour l'histoire des Suisses à l'étranger.

Linsmayer, Charles (1988), "Leben und Werk Annemarie Schwarzenbachs. Ein tragisches Kapitel Schweizer Literaturgeschichte", in Annemarie Schwarzenbach, *Das Glückliche Tal*, Frauenfeld, Huber: 159-224.

Mann, Erika (1991), "In Lissabon gestrandet", in Claudia Schoppmann (Hg.), *Im Fluchtgepäck die Sprache: Deutschsprachige Schriftstellerinnen im Exil*, Berlin, Orlanda Frauenverlag: 148-160.

Martins, Maria João (1994), *O Paraíso Terrestre. O quotidiano durante a II Grande Guerra*, Lisboa, Vega.

Perret, Roger (1987), "Annemarie Schwarzenbach", *Der Alltag* (Zürich), 2/87, 6-16.

-- (1992), "Nachwort", in Annemarie Schwarzenbach, *Jenseits von New York. Reportagen und Fotografien 1936-1938*, Basel, Lenos: 159-184.

-- (1995), "Persien oder die 'himmelweite, weltumspannende Fremde'", in Annemarie Schwarzenbach, *Tod in Persien*, Basel, Lenos: 124-149.

Pimentel, Irene Flunser (2001), *História das Organizações do Estado Novo*, Lisboa, Temas e Debates.

Schwarzenbach, Annemarie (1993), "Wir werden es schon zuwege bringen, das Leben". *Annemarie Schwarzenbach an Erika und Klaus Mann. Briefe 1930 -1942*, ed. Uta Fleischmann, Pfaffenweiler, Centaurus.

Vilas-Boas, Gonçalo (1995), "Alles ist ein Fortgehen". Einblicke in Annemarie Schwarzenbachs vorderasiatische Reiseberichte und Erzählungen", in Anne Fuchs/ Theo Harden, *Reisen im Diskurs. Modelle der literarischen Fremderfahrung von den Pilgerberichten bis zur Postmoderne*, Heidelberg, Universitätsverlag C. Winter: 343-357.

Willems, Elvira (1998), *Annemarie Schwarzenbach – Autorin – Reisende – Fotografin*, Pfaffenweiler, Centaurus.

Artigos de Annemarie Schwarzenbach relacionados com Portugal, publicados entre 1941 e 1943

(existentes no ALS, na versão publicada nos jornais e/ou os respectivos manuscritos) (*traduzidos nesta edição)

- “Passagiere nach Lissabon”, *Die Weltwoche* (7.3.1941)
- “Das Rote Kreuz in Lissabon”, *Neue Zürcher Zeitung* (18.3.1941)
- “Lissabon - neues Leben in einer alten Stadt”, *National-Zeitung* (19.3.1941)
- “Heimfahrt aus Amerika”, *Luzerner Tagblatt* (22.3.1941)
- “Die Versorgung der Schweiz über Portugal”, *Neue Zürcher Zeitung* (23.3.1941)
- “Die “Schweizer Flotte” im Hafen von Lissabon”, *Schweizer Illustrierte* (26.3.1941)
- “Offener Himmel über Lissabon ...”, *Thurgauer Zeitung* (10.4.1941)
- “Das Rote Kreuz in Lissabon”, *Neue Zürcher Zeitung* (27.4.1941)
- “Die Weihe der Schiffe”, *Die Weltwoche* (16.5.1941)
- “Rückkehr nach Lissabon”, *National-Zeitung* (4.6.1941)
- “Eine Atempause in Estoril”, *Die Weltwoche* (6.6.1941)
- “Zwischen den Kontinenten”, *Die Weltwoche* (11.7.1941)
- “Funchal”, *National-Zeitung* (10.9.1941)
- “Äquator”, *Die Weltwoche* (19.9.1941)
- “Schiffs-Tagebuch I,II,III, IV”, *National-Zeitung* (6,7,14 e 17.10.1941)
- “Wiedersehen mit Portugal”, *Die Weltwoche* (15.5.1942)
- “Ein Schiff aus Afrika”, *National-Zeitung* (16.5.1942)
- “Internationales Rotes Kreuz. Die Aufgaben in Lissabon”, *Neue Zürcher Zeitung* (24.5.1942)
- “Spaziergang in Portugal”, *National-Zeitung* (1.6.1942)
- “Liebe zu Europa”, *Thurgauer Zeitung* (6.6.1942)
- “Diplomatenaustausch in Lissabon”, *Neue Zürcher Zeitung* (18.6.1942)
- “Der Transport zwischen Lissabon und der Schweiz”, *Thurgauer Zeitung* (30.6.1942)

- "Sonniges, herbes Portugal", *Thurgauer Zeitung* (11.7.1942)
- "Nationale Jugend in Portugal", *Schweizer Illustrierte Zeitung* (12.7.1942)
- "Kleine Weltreise unter der Flagge Portugals. San Thomé und Madeira, zwei Portugiesische Atlantik-Inseln", *Luzerner Tagblatt* (8.8.1942)
- "Die Jugend Portugals", *Die Tat* (14.8.1942)
- "Zwischen Afrika und Europa", *Die Tat* (12.2.1943)

Outros artigos manuscritos existentes no ALS

- "Junge Portugiesische Malerei" (30.4.1941)
- "Nach der Ausstellung Edmond Bille in Portugal" (?5.1941)
- "San Thomé, die Insel am Äquator" (31.5.1941)
- "Das Beispiel der weiblichen Jugend in Portugal" (?4.1942)
- "Junge Portugiesinnen in Uniform" (12.5.1942)
- "Flug nach Marokko" (29.5.1942)

Índice

- 9 Nota prévia
- 13 Ler Annememarie Schwarzenbach
- 34 A História de uma Obsessão: A *Novela Lírica*
- 52 Heterotopias na Obra Ficcional de Annememarie Schwarzenbach
- 75 Um Olhar pela Palavra. Os Relatos de Viagens pelo Médio Oriente
- 94 “Agora o Coração tem de ser Forte e a Criatura Castigada”. Textos Jornalísticos de Annememarie Schwarzenbach dos Anos 1941-1942
- 115 Um Olhar Suíço sobre Portugal. Annemarie Schwarzenbach em Lisboa em 1941 e 1942

